

XIII ENCONTRO DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA

UFSCar

Caderno De Resumos:

De 06/05 à 09/05

**Filosofia &
sociedade**
Confrontos e tensões
Contemporâneas



Centro de Educação e
Ciências Humanas - UFSCar



**XIII ENCONTRO DE PESQUISA
NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UFSCAR**

6, 7, 8 e 9 de maio de 2025

CADERNO DE RESUMOS

XIII ENCONTRO DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFSCAR

São Carlos, 2025

**Universidade Federal de São Carlos –
UFSCar**

Reitora

Prof.^a Dr.^a Ana Beatriz de Oliveira

Pró-Reitoria de Pesquisa

Prof. Dr. Pedro Sergio Fadini

Centro de Educação e Ciências Humanas

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Juvenal da Cruz
(Diretora)

Graduação em Filosofia

Prof. Dr. Luis Damon Santos Moutinho
(Coordenação)

Prof. Dr. Pedro Fernandes Galé
(Chefe de Departamento)

Apoio

UFSCar
Cozinha do Lobo
DFIL
CECH

São Carlos

2025



[Comissão de organização]

Matheus Amaral Santos

Matheus de Carvalho Amadeus

Bruna Liz de Souza Silva

Gabriel Randi Donadelli

Bruno Soares Cunha

Leonardo Henrique de Souza Luciano

Lucas Pinheiro de Oliveira

Luna Hentz

Carla Fernanda Barsalobres Cavallari

Wellington Miguel do Nascimento

[Edição, revisão, artes de capa e design do Caderno de Resumos]

Matheus Amaral Santos

[Correção e padronização dos trabalhos]

Matheus Amaral Santos

Matheus de Carvalho Amadeus

Bruna Liz de Souza Silva

Gabriel Randi Donadelli

Leonardo Henrique de Souza Luciano

Lucas Pinheiro de Oliveira

Pedro Lucas Flora Dugaich

[Obras na capa e contra-capas]

Dialética (*Dialettica*). Paolo Veronese.

O sono da razão produz Monstros (*El sueño de la razón produce monstruos*). Francisco de Goya.

O triunfo de Galatea. Raphael Sanzio.

A grande Composição. Wilfredo Lam.

The Ancient Of Days. William Blake.

Clio. Charles Meynier.

Sumário:

Descrições Gerais do Evento	09
Texto de Apresentação do Caderno de Resumos Lucas Joaquim da Motta	14
Resumo das Apresentações de Trabalhos:	13
A composição no tratado “<i>Da Pintura</i>”, de Alberti, e o desenvolvimento das artes pictóricas Bruna Liz de Souza Silva	17
Filosofia como prática da liberdade? Carla Fernanda Barsalobres Cavallari	19
A questão da verdade na ontologia fundamental de <i>Ser e Tempo</i> Felipe Polonio do Nascimento	21
Contribuições freudianas acerca do antagonismo entre atividade e passividade no desenvolvimento psicosssexual: da fantasia infantil ao encontro da realidade adolescente Fernanda Digieri dos Santos	23
O corpo alhures? Novas tessituras, ponto-traço-significante. Gabriel Galdino da Silva	26
A Essência do Poder em <i>O Príncipe</i>, de Nicolau Maquiavel Gabriel Randi Donadelli	29
A limitação universalista e os epistemicídios: de Deleuze à Grosfoguel na brutalidade do modelo da representação. João Giudicissi Valente	30

O “Capitalismo de Estado” nunca foi adotado, ele foi planejado para o Instituto para Pesquisa Social	32
João Gouveia Alves	
Maquiavel e a aparência: culto à personalidade principesca	35
João Pedro Magalhães Terena	
<i>Ens per accidens: A querela acerca da concepção de natureza humana na correspondência de Descartes e Regius</i>	36
João Victor Rezende Dias	
O conceito psicanalítico de desejo e sua relação com as contribuições freudianas decorrentes da formulação da segunda teoria pulsional.	38
Julio Moya Kazmarek	
Da “História Natural da Religião” a Política: Uma Análise da Transição do Politeísmo ao Monoteísmo em David Hume	40
Leda Rosa Moreira	
Educando o olhar: uma análise sobre a Alegoria em Winckelmann	42
Leonardo Henrique de Souza Luciano	
Deleuze e a crítica a História da Filosofia	43
Lucas Pinheiro de Oliveira	
Sobre Cronopolítica em Bergson	45
Luís Otávio Bachecha Groppo	
A Influência do Narcisismo nas manifestações da pulsão escópica em Freud	47
Marina Zupiroli de Almeida	
A batalha espacial na ontologia negra	50
Martte Giovanni Rebelo	

Reflexões acerca de um “esmagamento” moderno: Fanon e Kafka na <i>Colônia Penal</i>	
Matheus Amaral Santos	52
O absoluto em Sartre	
Matheus de Carvalho Amadeus	55
A Concepção Fregeana dos Valores de Verdade como Objetos Denotados por Sentenças Assertivas	
Melissa Molka	56
O projeto de identidade nacional em Mário de Andrade	
Pedro Andrade Lorenzi	58
Do método de Stuart Hall à indagação: <i>quando foi o Pós-colonial?</i>	
Pedro Lucas Flora Dugaich	59
Multiculturalismo e Infâncias Negras: Perspectivas Sociológicas sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais	
Vitória Luiza Linné Nobre	61
Texto de Encerramento do Caderno de Resumos	61
Bruno Fernandes	

XIII ENCONTRO DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA NA UFSCAR. Tema: “*Filosofia e Sociedade: Confrontos e Tensões contemporâneas*”

Que sentido têm o tempo e a história diante de nossos fulgurantes problemas contemporâneos? Deverá o Filósofo se deter em um trabalho solitário, desatado da sociedade e suas crises? O pensamento humano e a História frequentemente desafiaram a Filosofia com novas questões; forçaram o abandono e a retomada de conceitos e problemas. Nosso XIII Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia propõe o ensejo de se debruçar, mais uma vez, sobre algumas das questões fundamentais do pensamento humano: história, tempo, arte, sociedade e crise. Para a Filosofia, quais as consequências de uma nova História? Que significados ela pode tirar da arte, em seu tempo passado e sua contemporaneidade? Quais sentidos brotam das crises da democracia e dos fenômenos sociais que evocam as tensões mais emergentes? Diante do olho-da-tempestade urge pensar a posição do Filósofo diante de seu tempo e do mundo que o circunda. O que a Filosofia tem a dizer sobre o movimento da história e seus problemas mais imediatos? Pode, ela dizer alguma coisa?

Agradecimentos:

A comissão organizadora agradece o empenho de todos que estão envolvidos direta ou indiretamente na concretização deste evento, em especial: Os trabalhadores do departamento de filosofia, aos funcionários da UFSCar e do CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas), docentes e discentes, coordenadores, presidentes e chefes envolvidos na realização deste evento. Em especial aos trabalhadores, técnicos administrativos e terceirizados do Departamento de Filosofia por todo o suporte estrutural do secretariado à limpeza, ao coordenador do Depto. Luís Damon Santos Moutinho e ao Chefe de Departamento Pedro Fernandes Galé e aos nossos respectivos secretários(as): Vanessa Cristina Migliato, Fábio Urban e Luis Henrique Migliato.

Aos trabalhadores da SEAD (Secretaria Geral de Educação à Distância) pelo apoio técnico e realização de transmissões on-line do evento. Aos trabalhadores do SeTILS pela disponibilidade de traduzir as atividades do evento em Língua Brasileira de Sinais, se tivermos inscritos com essa necessidade de suporte. Ao Departamento de Produção Gráfica da UFSCar e seus respectivos funcionários pela impressão de materiais do evento. As agências de fomento propiciaram aos bolsistas apoio financeiro e técnico que possibilitou as apresentações e a organização de eventos na Iniciação Científica pelo CNPQ ou FAPESP.

Programação:

Visando as tópicas das tensões e confrontos contemporâneos nas áreas do pensar filosófico que contemplam a arte, história, política, ontologia, metafísica, psicologia, ciências sociais, identidades, violências, linguagem e subjetividade a programação do evento contou com três conferências realizadas ao fim de cada dia e um mini-curso realizado em dois dias do evento, com grandes nomes das ciências humanas que trouxeram reflexões através da provocação colocada pelo tema do evento. As divulgações do evento ocorreram no site do dfil: <https://www.dfil.ufscar.br/pt-br> e no Instagram do EPGFIL: @epgfil.ufscar.

Primeiro dia: (06/05/2025)

Mini Curso (Realizado no dia 06 e 07 de maio):

Ministrante: Prof. Dr. Valter Roberto Silvério.

Título: *"África: Da História Inicial à história global"*

SINOPSE: "O minicurso parte da provocação realizada pelo tema do evento e tem por objetivo discutir as implicações do projeto História Geral da África para pensar a história contemporaneamente. Visando também esboçar uma crítica do conceito de

pré-história a partir do projeto teórico da História Geral da África e da colocação do conceito de *História inicial*.”

Conferência e Lançamento de Livro:

Autora e Conferencista: Profa. Dra. Silvana Ramos

Título: Lançamento do livro *Ensaio sobre democracia - descrições de um corpo despedaçado* (Politeia, 2024).

SINOPSE: “A partir de pensadores como Claude Lefort, Maquiavel e Marilena Chaui, Silvana Ramos apresenta a democracia moderna com conceitos novos. A democracia é possibilidade de suspensão temporária (o conceito de epoché) da lei e da instauração de novos direitos. Ela é espaço aberto para a entrada em cena de novos agentes. Não têm elemento exterior à sociedade e isso significa que o lugar do poder é vazio, está sempre em questão. Toda sociedade é marcada pelo conflito entre os grandes (os que desejam dominar) e o povo, que deseja não ser dominado. (...) Este livro é também um diálogo com a teoria feminista contemporânea a partir da obra de filósofas brasileiras como Chaui, Beatriz Nascimento e Gilda de Mello e Souza. O livro é dividido em quatro partes: 1) Realiza uma exposição da originalidade da democracia moderna em contraste com sociedades pré-modernas e regimes totalitários; 2) Explora o papel do conflito nas lutas por direitos. 3) Aborda a experiência brasileira a partir de Marilena Chaui e Beatriz Nascimento; 4) Retoma a filosofia de Claude Lefort e sua relação com a fenomenologia de Merleau-Ponty. Ao final, a autora reflete sobre a filosofia no Brasil e, no epílogo, analisa a tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023.”

Segundo dia: (07/05/2025)

Conferência:

Conferencista: Prof. Dr. Douglas Rodrigues Barros

Título: *O que é o Identitarismo?*

SINOPSE: “Na última década, um termo tem se proliferado de maneira espantosa no discurso político. Moralmente carregado e lançado a torto e a direito em disputas de internet, mesas de bar, espaços acadêmicos e palanques políticos. Mas, afinal, o que é identitarismo? Neste livro, o psicanalista Douglas Barros propõe uma interpretação original do fenômeno. Para ele, o termo nomeia sobretudo uma forma de gestão da vida social contemporânea que engole esquerda e direita.”

Terceiro dia: (08/05/2025)

Apresentações de trabalhos

Evento cultural (confraternização): Jazz com *Erva Cidreira quarteto* e Sarau de poesias da Filosofia.

Quarto dia: (09/05/2025)

Conferência:

Conferencista: Prof. Dr. Leon Kossovitch

Título: Foco no Graffiti.

SINOPSE: “Partindo das inscrições e de seus usos, a conferência nos convida a pensar o Graffiti fora de seus usuais limites e projeções. Atravessando muito tempo de história, a aventura de pensar o Graffiti como algo que diante de escritos de Cícero e Plínio, o moço, se vinculava tanto ao mal dizer como à questão política. Ainda que esse lugar das inscrições não ocorra apenas na antiguidade latina, a partir daí traçamos uma linha que nos ajude a pensar essa manifestação de modo muito vinculado aos seus lugares periféricos e à política. Ainda que sem buscar uma história absoluta que nos remetesse às pinturas de Lascaux, devemos, a partir de certos aspectos que se aglutinam sob a égide do Graffiti pensar os padrões e as invenções em

torno do que se admite como uma arte das ruas, de dimensão política inegável, em um traçado que se faz a partir do foco que nos permite caracterizar o Graffiti moderno como uma diferença.”

Apresentação de Trabalhos:

As apresentações de trabalhos ocorreram durante todos os dias do evento, nos períodos matutinos e vespertinos e noturnos. Contemplando a apresentação dos resumos e pesquisas que você pode conferir à seguir após o texto de Apresentação do Caderno de Resumos redigido pelo mestrando Lucas Joaquim da Motta:

RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES

DE TRABALHOS XIII EPGFIL:

São Carlos 2025

TEXTO DE APRESENTAÇÃO:

Lucas Joaquim da Motta

Mestrando em Filosofia pela UFSCar

Bolsista FAPESP (2022/16556-7)

Podemos, nas particularidades da história do pensamento contemporâneo, definir o filósofo como aquele que Simone de Beauvoir caracterizou ironicamente enquanto praticante de uma “atitude estética”, isto é, como quem não pretende ter com o mundo nenhuma relação que não a de uma contemplação desinteressada, fora do tempo, longe da humanidade, entendendo a si mesmo como não pertencente à História¹? A ironia de Beauvoir é devido a essa atitude ser impossível, já que não há nenhum projeto humano que seja puramente contemplativo, uma vez que todo indivíduo jamais contempla: ele faz, toma partido. E, para que o filósofo, assim como o artista e o cientista, tenham um mundo a expressar, é preciso primeiramente que eles estejam situados nesse mundo, oprimidos ou opressores, resignados ou revoltados². Assim, quais os sentidos que ambos, a realidade do filósofo e a História, possuem em nossos problemas atuais? Longe da sociedade e, conseqüentemente, das crises que nela existem, o filósofo deverá manter-se solitário e separado de todas as situações concretas do seu mundo? Esses questionamentos apontam para uma inquietação profunda que parte de um fato com o qual facilmente concordamos: tanto a História de uma maneira geral quanto a própria Filosofia sempre se encontraram diante de novas questões que exigiram a retomada de conceitos e problemas provenientes delas.

Com base nessas questões e a partir do que as intersecta, que é definitivamente o que é o filósofo dentro dessa relação entre História e sociedade contemporânea, é com grande entusiasmo que o XIII Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UFSCar tem como intuito o ensejo de se debruçar, mais uma vez, sobre alguns dos temas mais discutidos do pensamento humano: *arte, crise, tempo, história e sociedade*. Parece que, no âmago desses temas, uma nova História sempre trará conseqüências para a Filosofia; e, nelas, os novos significados da arte se

¹ Cf. Beauvoir, S. *Por uma moral da ambigüidade*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 65. ² Cf. *Ibidem*, p. 67.

movimentam com o desafio de renovar o sentido do presente sem renunciar ao passado. Junto disso, do ponto de vista político, as crises em torno da democracia muitas vezes revelam um sentido dos fenômenos sociais ali presentes que evocam tensões mais emergentes, e essas crises estão diretamente diante do olhar humano, incluindo o olhar filosófico. Até que ponto isso condiz com a verdade do mundo real? Quer dizer: mediante esses acontecimentos, não apenas parece imprescindível pensar a posição que o filósofo ocupa em seu tempo e nesse mundo que o circunda, mas parece impossível se esquivar desse questionamento; caso contrário, o que pode se apresentar superficialmente como imparcialidade é, na realidade, uma abstenção negativa que desmente a si mesma sem grandes dificuldades. Afinal, pode a Filosofia dizer algo sobre o movimento da História e seus problemas mais imediatos? Ou é preferível calar-se diante deles?

A ação do filósofo, bem distante de se eximir ao compromisso com a realidade histórica, parece, cada vez mais, ser chamada a intervir nas questões prementes da sociedade. Isso não implica, inversamente, em um engajamento cego ou acrítico com os eventos que se desenrolam ao seu redor, mas, sim, em um exercício constante de investigação profunda, que busca tanto desvelar as complexas redes de significados que tecem a História como elucidar as ideologias e os pressupostos que sustentam a atualidade. O filósofo, portanto, não deve se contentar com explicações superficiais ou imediatistas; sua tarefa é a de escavar o subsolo do pensamento, ir atrás do que está antes de qualquer valor fixo ou que tende a se perder nas vertigens globais, de forma a revelar as estruturas que não se separam do presente e que, muitas vezes, passam despercebidas aos olhos desatentos. A História, por sua vez, não é um simples depósito de eventos passados, não é apenas um conjunto de acontecimentos já superados ou que perderam a espessura de sua concretude: enquanto um campo dinâmico onde o presente e o futuro estão constantemente em diálogo, a cada nova análise, a cada novo olhar crítico sobre o passado, ela se reconfigura, como um grande mosaico em constante movimento. E é nesse processo de reinterpretação histórica que a Filosofia tem um papel fundante, que oferece as ferramentas conceituais e metodológicas necessárias para problematizar o que é dado como certo, questionando as narrativas dominantes e, assim, abrindo espaço para novas possibilidades de compreensão e mudança. Afinal, como bem disse Merleau-Ponty, a decisão de um pensador

deixa de ser abstrata “e se torna uma realidade histórica se se elabora nas relações inter-humanas e nas relações do homem com seu ofício”².

Ao contrário de uma filosofia praticada longe e isolada da vida concreta, ela está profundamente entrelaçada com as questões que transitam dentro da sociedade, como a crise política, às transformações tecnológicas e os desafios ecológicos, de modo que a reflexão filosófica deve ser vista como uma ferramenta não apenas de discernimento, mas de ação, que não se limita a especulações abstratas, mas se empenha, de maneira crítica e criativa, em oferecer novas perguntas para os dilemas da própria contemporaneidade. Por isso que a Filosofia pode ser entendida como um espaço de resistência, um espaço onde se desafiam as certezas estabelecidas e se busca, incessantemente, redefinir os contornos da nossa existência no mundo. Portanto, nosso Encontro reúne pesquisadores e pesquisadoras interessados em toda essa discussão, com o objetivo de intensificar a atualidade desses temas de maneira positiva e inspiradora, promovendo a investigação filosófica como meio de construção de instrumentos que sustentem não apenas os vínculos entre docentes e discentes, mas também entre estes e a própria sociedade contemporânea como um todo.

² Merleau-Ponty, M. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 597.

A COMPOSIÇÃO NO TRATADO “*DA PINTURA*”, DE ALBERTI, E O DESENVOLVIMENTO DAS ARTES PICTÓRICAS

Nome: Bruna Liz de Souza Silva³

Orientador: Prof. Dr. Pedro Galé

Departamento de Filosofia; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Agência de Fomento: CNPQ, 2024-2025, 3867

Resumo:

O seguinte resumo, tem por objetivo apresentar um recorte de um estudo sistematizado em torno da obra de Leon Battista Alberti. Em seu livro *Da Pintura*, o autor explora o próprio campo técnico da arte pictórica, apresentando sua base e as fontes para o desenvolver *Da Pintura*. O autor utiliza uma divisão no próprio texto que demonstra qual é o caminho que deve ser seguido para a conclusão de seu objetivo final: representar a história. A primeira parte disserta sobre o lugar em que a superfície ocupa, a segunda trata-se das proporções e medidas que formam a superfície, e por fim, as cores e os efeitos diante da luz e a sombra. Nesta comunicação, iremos focar no livro II, na qual será discutido a representação do divino em Alberti, levando em consideração seu momento histórico e a influência humanista em sua obra.

Palavras-chave: História da Filosofia; Estética; Pintura; Composição; Retórica; Leon Battista Alberti.

Bibliografia:

ALBERTI. **Da pintura**, Antonio da Silveira Mendonça (trad.), Editora Unicamp, Campinas, 2014.

BLUNT, A. **Artistic Theory in Italy 1400-1600**. Oxford Paperbacks, London, 1973.

_____. **Teoria artística na Itália 1450- 1600**, trad. João Moura Jr. São Paulo-SP: Cosac & Naify, 2001.

HANSEN, J. A. **Alegoria, construção e interpretação da metáfora**. Hedra, São Paulo, 2006.

_____. **Agudezas seiscentistas e outros ensaios**. Edusp, São Paulo, 2019.

KOSSOVITCH, L. "A emancipação da cor". In: Aduino Novaes. (Org.). *O Olhar*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³ Lattes: [CV: http://lattes.cnpq.br/0961609269633718](http://lattes.cnpq.br/0961609269633718)

KOSSOVITCH, L. **MATUCK, C. ZEIDLER, W.OTA, K. NOX-** São Paulo Graffiti-
Cinemateca Brasileira. São Paulo, 2013.

ZANCHETTA, R. **Da Pintura de Leon Battista Alberti :comentário e tradução do primeiro livro.** Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo, 2014.

FILOSOFIA COMO PRÁTICA DA LIBERDADE?

Nome: Carla Fernanda Barsalobres Cavallari⁴

Orientador: Prof. Dr. Francisco Augusto de Moraes Prata Gaspar

Co-orientador/ Coordenador PIBID: Prof. Marlos Rodrigues Caldas Oliveira⁵

Departamento de Filosofia; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Agência de Fomento: Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES-UFSCar)

Resumo:

Considerando que educação é a apreensão e compreensão da história cultural da humanidade e dos processos biopsicossociais que a acompanham, bem como é reflexo das interações e de novas possibilidades de construções socioculturais para aprendizagens e o envolvimento integral dos sujeitos históricos-críticos, perguntamos: seria a filosofia, para além de uma ciência, uma metodologia para a prática da liberdade?

Educação como prática da liberdade é uma metodologia de ensino proposta por Paulo Freire (1967;1980) que visa emancipar os oprimidos e transformar a sociedade. Esta mesma metodologia também foi aplicada por bell hooks (2013; 2021) visando a participação ativa do discente, bem como a consciência e o engajamento críticos diante de situações problemas dos contextos cotidianos. Infelizmente, este compromisso de estender o conhecimento humano para além de todos os limites da experiência possível é negligenciado na escola contemporânea. É surpreendente, hoje, o descaso com os propósitos educacionais, principalmente aos relacionados ao ensino de filosofia, onde na escola a atenção e a reflexão não são estimuladas, promovendo e seduzindo com um saber aparente (ilusório) do mundo e de si mesmo. Até quando o currículo compulsório será apresentado com presunções infundadas, decisões arbitrárias e em nome de leis eternas ou mercadológicas? Em suma, é preciso superar conhecimentos especulativos, de habilidades técnicas e conteudismos propedêuticos, para a apreensão e compreensão da imanência de nossa razão de ser e estar no mundo, envolvendo-nos com as condições políticas, sociais, culturais, éticas, estéticas, espirituais, históricas, sustentáveis, psicológicas, econômicas, biológicas, ambientais...

⁴ Lattes: CV: <https://lattes.cnpq.br/9169505843466495>

⁵ Professor de Filosofia e Coordenador da Área de Ciências Humanas e Sociais-SEDUC/SP

Neste panorama, encontramos em Kant (1765-1766) que “o método peculiar de ensino na Filosofia é zetético” (In: Jäsche, 1800; 2011, p. 175, grifos do autor), ou seja, o princípio do processo reflexivo subjetivo é investigante, que decorre, mas ocorre fora da experiência, ou seja, a razão é uma prática a partir da materialidade empírica, por isso ela é útil para elaborar conceitos sobre a realidade objetiva, no constante processo de busca pelo que necessitamos, pelo que nos move e pelo que nos interessa. Trata-se, portanto, de problematizar a realidade para se refletir sobre os condicionantes impostos pela “vida em sociedade”. Entretanto, o que significa conhecer o mundo se não conhecemos nem mesmo quem somos, o que queremos e os por quês? E, como nos é apresentado nas escolas, basta ter os dados e informações das descrições do mundo? Isso é conhecimento?

Diante do exposto, este resumo apresenta um trabalho que visa a realização de uma pesquisa bibliográfica, descritiva e qualitativa, sobre a proposta metodológica de ensino na Filosofia à luz da Lógica de Jäsche (1800; 2011), tal como elaborada por Kant (1765-1766).

Palavras-chave: Formação do discente; Educação cidadã; Ensino de filosofia; Educação emancipante.

Bibliografia:

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.

KANT, I. **Lógica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

A QUESTÃO DA VERDADE NA ONTOLOGIA FUNDAMENTAL DE *SER E TEMPO*

Nome: Felipe Polonio do Nascimento⁶

Orientadora: Prof. Dr. Marco Aurélio Werle

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP)

Agência de Fomento: CNPQ 126547/2024-6

Resumo:

A presente comunicação tem como objetivo apresentar a forma pela qual a noção heideggeriana de verdade como des-ocultamento (*aletheia*) aparece dentro do tratado de 1927, *Ser e Tempo*; apresentando-a, portanto, dentro do horizonte do projeto filosófico do autor que, neste momento de seu trabalho, pode ser caracterizado como o projeto da ontologia fundamental. Como parte final da caracterização do ser do Dasein como cuidado (*Sorge*) - a ser ainda interpretado em seu sentido temporal nos parágrafos seguintes da obra -, a exposição da questão da verdade deve ser entendida, nas palavras de Ernildo Stein, como “o coroamento da analítica” (Stein, 1993, p.99). Nesse sentido se almeja precisar a maneira pela qual, na caracterização do fenômeno originário da verdade (*aletheia*), se conquista em igual medida uma espécie de fundamentação das discussões anteriores envolvendo a interpretação (*Auslegung*) e o discurso (*das Rede*), onde já se havia indicado o aspecto derivado da verdade enunciativa (*adequatio*) a partir de um campo pré-propositivo que, ainda nos §§ 33 e 34, não ganhava o nome de verdade ou des-ocultamento. Em igual medida a caracterização prévia da abertura do Dasein (Primeira Seção da Parte I do tratado) deve servir como ponto de partida para a apresentação do sentido temporal dessa abertura (Segunda Seção do tratado), fazendo com que a elucidação da temporalidade como fundamento do cuidado (*Sorge*) e da hermenêutica da compreensão (§§67 a 71) nos leve, em igual medida, a conceber o próprio fenômeno da verdade, enquanto existencial e referente às dinâmicas afetivo-compreensivas da abertura do Dasein (*Erschlossenheit*), a partir dessa mesma temporalidade (*Zeitlichkeit*) que lhe é própria. Se assim se pré-visualiza a discussão em torno da verdade no que toca a seu aspecto “arquitetônico” para a totalidade da analítica, sua exposição também levanta questões particulares que podem, na economia de *Ser e Tempo*, ganhar lugar secundário. Com isso em mente, se propõe que a leitura do §44 não seja feita em

⁶ Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/6737294690697476>

consonância somente com outros momentos da mesma obra, mas também com demais obras do mesmo autor. Para o fim específico da atual comunicação se acredita que *A essência da Verdade e Lógica: o problema da verdade* podem apresentar, em conjunto com *Ser e Tempo*, um maior desenvolvimento acerca da relação entre *aletheia* e *adequatio* (como ocorre o processo de derivação da verdade da existencial em verdade do enunciado ou, em outras palavras, como se relaciona a articulação discursiva da compreensão pré-propositiva e a formalização da enunciação) onde a própria lógica encontra lugar privilegiado dentro da questão ontológica, fazendo com que sua “fundamentação filosófica” seja etapa necessária no caminho da *Seinsfrage*, não secundária e perpendicular como pode fazer parecer o curto tratamento que ganha no texto de *Ser e Tempo*.

Palavras-chave: Heidegger; Ontologia; Lógica; Fenomenologia; Hermenêutica.

Bibliografia:

HEIDEGGER, M. **Da essência da verdade in Ser e Verdade**. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. 2o Edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2012c

_____. **Logic: The question of truth**. Tradução: Thomas Sheehan. Indiana, Indiana University Press, 2016

_____. **Ser e Tempo**. Tradução: Márcia Sá Cavalcante. 10o Edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2022

STEIN, E. **Seminário sobre a verdade: Lições preliminares sobre o parágrafo 44 de Sein und Zeit**. Petrópolis, Editora Vozes, 1993.

CONTRIBUIÇÕES FREUDIANAS ACERCA DO ANTAGONISMO ENTRE ATIVIDADE E PASSIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL: DA FANTASIA INFANTIL AO ENCONTRO DA REALIDADE ADOLESCENTE

Nome: Fernanda Digieri dos Santos⁷

Orientadora: Profa. Dra. Janaina Mamba

Departamento de Psicologia-Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Agência de Fomento: FAPESP - 2024/09295-8.

Resumo:

A obra freudiana é marcada pelo dualismo, sendo o antagonismo entre atividade e passividade destacado como o precursor da polaridade sexual que atravessa o psiquismo. A passividade é predominante na infância, tendo em vista que o infante vivencia o desamparo logo no momento do nascimento, e ainda que progressivamente conquiste maior autonomia sobre o próprio corpo, tem sua capacidade de ação na realidade limitada às possibilidades disponibilizadas por aqueles que cuidam. Essa passividade, no entanto, não é absoluta, pois a criança elabora suas renúncias pulsionais se apoiando na fantasia, como demonstrado na brincadeira do carretel, relatada por Freud em 1920. A entrada na puberdade, no entanto, marca o início do que hoje chamamos de adolescência, e traz consigo diversas transformações na dinâmica psicossexual. Essas mudanças envolvem o desligamento da autoridade familiar, o enfrentamento dos fatos do sexo e uma urgência de passagem ao ato na esfera da realidade, não sendo mais a fantasia suficiente para aplacar as angústias do sujeito. Dessa forma, o presente trabalho pretendeu descrever os subsídios teóricos da obra freudiana que permitem caracterizar a adolescência enquanto período psíquico transitório no tocante ao antagonismo atividade-passividade, marcando o abandono da passividade infantil à medida que o púbere passa a conquistar autonomia sobre o próprio corpo e mundo ao seu redor. Para tanto, foi realizada uma análise da obra freudiana a partir de uma leitura da articulação, delineamentos e projeções que o discurso freudiano propõe, a partir da Filosofia da Psicanálise de Monzani.

Palavras-chave: desenvolvimento psicossexual; atividade-passividade; fantasia; puberdade.

Bibliografia:

⁷Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/7410644268030915>

- ALBERTI, S. (2002). **O adolescente e seu pathos.** *Psicologia USP*, 13(2), 183-202.
- BIRMAN, J. (1993). **Ensaio de teoria psicanalítica** (v. 1). Jorge Zahar.
- DOMINGUES, M. R. C., DOMINGUES, T. L. C., & BARACAT, J. (2009). **Uma leitura psicanalítica da adolescência: mudança e definição.** *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, 7(12), 1-7.
- EFKEN, P. H. O. (2017). **A dimensão de domínio na constituição do Ego.** *Revista Subjetividades*, (17)1, 22-34.
- FREUD, S. (1976). **Algumas reflexões sobre a psicologia escolar.** *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 13, pp. 285-289). Imago. (Original publicado em 1914)
- FREUD, S. (1990). **Projeto para uma psicologia científica.** *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 1, pp. 335-455). Imago. (Original publicado em 1895)
- FREUD, S. (2010). **Além do princípio de prazer.** *Obras completas: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio de prazer e outros textos* (v. 14, pp. 120-178). Companhia das Letras. (Original publicado em 1920)
- FREUD, S. (2010). **Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais.** *Obras completas: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio de prazer e outros textos* (v. 14, pp. 220-246). Companhia das Letras. (Original publicado em 1919)
- FREUD, S. (2011). O Eu e o Id. In _____, *Obras completas: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos* (v. 16, pp. 9-64). Companhia das Letras. (Original publicado em 1923)
- FREUD, S. (2011). **O problema econômico do masoquismo.** In _____, *Obras completas: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos* (v. 16, pp. 165-181). Companhia das Letras. (Original publicado em 1924)
- FREUD, S. (2011). **A dissolução do complexo de Édipo.** In _____, *Obras completas: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos* (v. 16, pp. 182-192). Companhia das Letras. (Original publicado em 1924)
- FREUD, S. (2013). **Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio.** In _____, *Obras completas: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"] e outros textos* (v. 9, pp. 389-390). Companhia das Letras. (Original publicado em 1910)
- FREUD, S. (2013). **Obras incompletas de Sigmund Freud: Pulsões e seus destinos - Edição Bilingue** (1a ed.). Autêntica. (Original publicado em 1915)
- FREUD, S. (2014). **Terceira parte: Teoria geral das neuroses.** In _____, *Obras completas: Conferências introdutórias à psicanálise* (v. 13, pp. 279-172). Companhia das Letras. (Original publicado em 1917)

- FREUD, S. (2015). **O escritor e a fantasia**. In _____, **Obras completas: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (v. 8, pp. 184-191). Companhia das Letras. (Original publicado em 1908)
- FREUD, S. (2015). **O romance familiar dos neuróticos**. In _____, **Obras completas: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (v. 8, pp. 419-424). Companhia das Letras. (Original publicado em 1909)
- FREUD, S. (2016). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In _____, **Obras completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos** (v. 6, pp. 20-172). Companhia das Letras. (Original publicado em 1905)
- GARRITANO, E. J., & Salada, G. (2010). O adolescente e a cultura do corpo: uma visão psicanalítica. *Polêm!ca*, 9(3), 56-64.
- MASSON, J. M. (Org.). (1986). **A Teoria Transformada**. In _____. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904** (V. Ribeiro, Trad.) (v. 1, pp. 265-267). Rio de Janeiro: Imago.
- MONZANI, L. R. (1989). **Freud: O movimento de um pensamento**. Editora da Unicamp.
- MONZANI, L. R. (2008). **O que é filosofia da psicanálise?** *Philosophos*, 13(2), 11-19.
- OLIVEIRA, M. C. S. L. (2006). **Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica**. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 427-436.
- TAVARES, A., & ABERTI, S. (2016). **Adolescência e psicanálise: sobre a importância de acolher o recém-chegado**. *Psicanálise & barroco em revista*, 14(2), 13-24.
- ULHÔA, A. P. **O binômio atividade-passividade na construção da Teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche** [Monografia de Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG.
- VELANO, M. F. S., & FULGENCIO, L. (2020). **O fort-da como limite da representatividade e da temporalização da experiência**. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 99-111.
- Vieira, A. A., & VORCARO, A. M. R. (2014). **Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses**. *Psicologia USP*, 25(2), 144-154.
- VIOLA, D. T. D., & VORCARO, A. M. R. (2013). **Latência, adolescência e saber**. *Estilos clin.*, 18(3), 461-476.

O CORPO ALHURES? NOVAS TESSITURAS, PONTO-TRAÇO-SIGNIFICANTE

Nome: Gabriel Galdino da Silva⁸

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Nogueira

Departamento de Letras-Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Agência de Fomento: Fapesp, processo n° 2023/12953-4

Resumo:

O campo da Análise do Discurso no Brasil hoje se distancia por diferentes forças do que se produziu no século XX, na França. Partindo de Michel Pêcheux e Eni Orlandi as noções trabalhadas enquanto discurso, ideologia e materialidade tomaram caminhos pela interrogação da interpretação. Em conjunto com campo da História das Ideias Linguísticas (Auroux, 2001 e 2008; Orlandi, 2001; Ferreira, 2009 e 2022), o movimento de interrogar a interpretação do corpo, enquanto sujeito, pode ser preocupação discursiva, o que fez Isaac Costa (2023) no artigo *Da relação entre o discurso e o corpo sem órgãos*. Neste caminho, o presente ensaio busca apresentar a noção de *materialidades significantes* de Suzy Lagazzi (2009; 2023), para que se produza um novo gesto de leitura a partir dos estudos da materialidade digital (Dias, 2018), de outro modo: a digitalidade na tessitura dos sentidos, e portanto, do discurso, da língua, do sujeito (Dias, 2016).

Palavras-chave: Discurso; Sujeito; Língua; Materialidade; Digitalidade; Corpo.

Bibliografia:

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

AUROUX, Sylvain. **A questão sobre a origem das línguas seguido de A historicidade das ciências**. Trad. Mariângela Joaílo. Campinas, SP: Editora RG, 2008.

COSTA, Isaac. **Da relação entre o discurso e o corpo sem órgãos**. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina, VINHAS, Luciana. Iost. (orgs.). *O corpo na análise do discurso: conceito em movimento*. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 563-581.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: **um campo de questões**. REDISCO, Vitória da Conquista - BA, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016. ISSN: 2316-1213.

⁸ Lattes: [CV: http://lattes.cnpq.br/2174056265106641](http://lattes.cnpq.br/2174056265106641)

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital: sujeito, espaço, memória e arquivo.** Campinas: Pontes, 2018.

FERREIRA, Ana Claudia Fernandes. **A linguística entre os nomes da linguagem: uma reflexão na história das idéias linguísticas no Brasil.** Tese de Doutorado. Campinas - SP: [s.n.], 2009. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/449285?guid=1656940203539&returnUrl=%2fresultado%2fflistar%3fguid%3d1656940203539%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d449285%23449285&i=3>

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **O papel e o poder fundador da linguagem na reflexão sobre conhecimento e tecnologia,** Entremeios [Revista de Estudos do Discurso], Seção Estudos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG), vol. 11, p. 75-98, jul. - dez. 2015.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **O saber não é conteúdo.** In: DIAS, Juciele Pereira e FRAGOSO, Élcio Aloisio (orgs.). Língua, conhecimento e história. Porto Velho, RO, Edufro, 2022.

LAGAZZI, Suzy. **O recorte significativo na memória.** In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange. (orgs.) O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 67-78.

LAGAZZI, Suzy. **A arte deslocando o canço pensante: o corpo em derivas.** In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina, VINHAS, Luciana. Iost. (orgs.). O corpo na análise do discurso: conceito em movimento. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 529-543.

LAGAZZI, Suzy. **Materialidade discursiva: “não se pode dizer não importa o que”.** In: GRIGOLETTO, E.; CARNEIRO, T. C. C. (org.). Diálogos com Analistas de Discurso: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje - Dialogue avec Analystes du Discours: réflexions sur la pertinence de la pensée de Michel Pêcheux aujourd’hui. 1ª ed. Campinas: SP. Pontes Editores, 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **História das Ideias Linguísticas.** Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes. Cáceres: Unemat. 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 5ª ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA** [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109 Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 13ª edição, Campinas: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, Michel. [1975]. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel [1969]. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. In: Gadet, F. e Hak, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de [1916], **Curso de Linguística Geral**. 27ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 .

A ESSÊNCIA DO PODER EM *O PRÍNCIPE*, DE NICOLAU MAQUIAVEL

Nome: Gabriel Randi Donadelli⁹

Orientador: Prof. Dr. Luiz Damon Santos Moutinho

Departamento de Filosofia; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo:

A apresentação tem o objetivo de expor nossa pesquisa que visa estudar a verdadeira gênese da política para Maquiavel. Em *O Príncipe* o filósofo delimita as regras do jogo político e, ao fazê-lo, também apresenta uma visão que revolucionou a política moderna. Ao estabelecer a divisão dos humores em uma cidade, somos postos a questionar onde o poder se apoia e, desse modo, entendemos de onde o autor retira suas ideias. Contudo, o desafio surge pois isso nunca é dito claramente, sendo necessário buscar nas entrelinhas e nas inversões argumentativas tal conclusão. Portanto, baseado na leitura de Lefort, busco expor esse caminho.

Palavras-chave: Política. Poder. Povo. Divisão Social. História.

Bibliografia:

ARANOVICH, Patrícia Fontoura. **História e Política em Maquiavel**. São Paulo:

Universidade de São Paulo, 2003.

LEFORT, Claude. **O trabalho da obra Maquiavel**. São Paulo: Todavia; Editora UFMG, 2023.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

⁹ Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/4568338139623188>

A LIMITAÇÃO UNIVERSALISTA E OS EPISTEMICÍDIOS: DE DELEUZE À GROSFOGUEL NA BRUTALIDADE DO MODELO DA REPRESENTAÇÃO

Nome: João Giudicissi Valente¹⁰

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria

Departamento de Filosofia; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo:

Na busca de tratar de uma epistemologia na filosofia da diferença, Gilles Deleuze em “*Diferença e Repetição*”, cunha uma crítica à filosofia ocidental tradicional que trata do modelo da representação, o autor argumenta que mesmo atravessando mãos ao tempo, manteve-se limitante e limitada em pressupostos subjetivos universais. Estes, a partir de seu momento de fundação são capazes de se aplicar (mesmo que à força) à qualquer epistemologia dissidente, livre de tais presunções. O primeiro postulado da filosofia ocidental, *Cogitatio Natura Universalis*, compreende o modelo da representação nessa identidade e circularidade causadas por tomar “ser” e “pensar” como pressupostos implícitos, da ordem do sentimento. Nesse sentido, Platão, Descartes e Kant, e outros que Deleuze chega a citar brevemente, são filósofos da semelhança, chegando em sistemas que não se fecham dentro de suas próprias métricas racionais. Tendo a crítica de Deleuze em vista, essa apresentação busca expor uma ponte para a ligação da filosofia tradicional ocidental aos epistemicídios e genocídios e a estrutura das universidades ocidentalizadas no texto de Ramón Grosfoguel “*A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.*”. Nisto, o proposto à comunicação é colocar uma direta relação entre a presunção à universalidade ocidental e seus movimentos de brutalidade sobre a estrutura do conhecimento, como Grosfoguel coloca, uma continuação de “*Ego cogito*” para “*Ego conquiro*” e “*Ego exterminio*”, onde esse pressuposto esmaga e castra tudo aquilo que extrapola o implícito da tradição. Grosfoguel liga, assim, a filosofia iluminista da representação aos movimentos de colonialismo, apagamento e extermínio de pessoas e suas *epistemes*, focando especificamente em Descartes, o qual será dado mais atenção na fala. A crítica deleuziana conforma-se como uma possibilidade de escopo para largar-se dessa tradição exterminadora de modos de vida que fogem dessa maneira de pensar e ser, e busca uma

¹⁰ Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/2398352948543689>

verdadeira filosofia da diferença, um caminho de uma possível aceitação de uma prática filosófica diversa deste modelo, e como os movimentos filosóficos supracitados por ele resultam em um mesmo resultado. Esta comunicação será baseada em um artigo publicado por mim na Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília -PÓLEMOS- como consta na bibliografia do resumo.

Palavras-chave: Epistemologia; Epistemicídio; Representação; Cosmologia.

Bibliografia:

CHERNIAVSKY, Axel. **La figura del idiota en la filosofía de Gilles Deleuze, considerada a partir de algunas de sus fuentes** (Cusa, Descartes, Dostoievski). Daimon. **Revista Internacional de Filosofía. Murcia: nº 82**, pp. 49-62, 2021.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo** São Paulo: Editora 34, 2021.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Brasília: **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, ed. 1, 2016.

GIUDICISSI VALENTE, João. O MODELO DA REPRESENTAÇÃO E SUA PRESUNÇÃO À UNIVERSALIDADE: da crítica Deleuziana aos epistemicídios demonstrados por Grosfoguel e o que a filosofia pode deixar de ser. PÓLEMOS – **Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília**, [S. l.], v. 13, n. 28, p. 266–289, 2024. DOI: 10.26512/pl.v13i28.54182. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/view/54182>. Acesso em: 14 abr. 2025.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

O “CAPITALISMO DO ESTADO” NUNCA FOI ADOTADO, ELE FOI PLANEJADO PARA O INSTITUTO PARA PESQUISA SOCIAL¹¹

Nome: João Gouveia Alves¹²

Orientador: Dr. Marcos Severino Nobre

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)-Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Agência de fomento: Programa De Iniciação Científica PIBIC/UNICAMP, cota 2024/2025

Resumo:

Esta comunicação tem em vista analisar a tese do “*Capitalismo de Estado*” de Friedrich Pollock, sob a metodologia proposta para a Teoria Crítica por Max Horkheimer, em seu discurso A Presente Situação da Filosofia Social e as Tarefas de um Instituto de Pesquisas Sociais (1931), realizado ao assumir a direção do Instituto para Pesquisa Social¹¹, e o texto Teoria Tradicional e Teoria Crítica (1937), onde Horkheimer delimita a função da Teoria Crítica como uma nova metodologia interdisciplinar. Diferentemente da maior parte da bibliografia secundária, que visa analisar as consequências da utilização da tese de Pollock para trabalhos futuros do Instituto, aqui propõe-se a compreender quais eram os parâmetros delimitados para a Teoria Crítica ao início da década de 1940, e como as regras propostas por Max Horkheimer influenciaram a análise econômica de Friedrich Pollock. Propondo demonstrar que a tese do “Capitalismo de Estado” não é adotada por outros membros do Instituto para Pesquisa Social somente pela sua capacidade de descrever a organização econômica de seu tempo, mas também por analisar a sociedade daquele momento, considerando as prioridades do Instituto.

Em *Capitalismo de Estado: Suas possibilidades e limitações* (1941), Friedrich Pollock propõe um novo modelo organizacional do capitalismo, propiciado pelas mudanças de produção ao final do século XIX, que o reorganiza de modo inédito e irreversível. A exposição de uma mudança categórica no mercado, que, a partir deste momento, deixa de se auto-regular, dando lugar a um controle direto do Estado sobre a produção e as relações trabalhistas. Com isso, pelo diagnóstico de Pollock, a métrica desta nova versão capitalista deveria ser o poder direto que pode ser exercido pelo Estado sobre o indivíduo, um deslocamento da influência da esfera

¹¹ Nome do Instituto que também ganhou o nome popular de Escola de Frankfurt. Centro de pesquisa onde surge a disciplina conhecida como Teoria Crítica.

¹² Lattes: [CV: http://lattes.cnpq.br/5967751052502134](http://lattes.cnpq.br/5967751052502134)

econômica para a esfera política. Para Pollock, a política se encontra como a ferramenta principal para a organização deste novo sistema e, por consequência, a forma mais propícia para analisar a economia.

A priorização da política, em detrimento da análise econômica, se aproxima do discurso utilizado por Horkheimer em 1931 e depois em 1937, onde, ao apresentar as bases metodológicas para o Instituto para Pesquisa Social e para a Teoria Crítica, respectivamente, o autor demonstra maior interesse em áreas específicas de seu projeto interdisciplinar (como a sociologia e psicologia)¹³. A tese proposta por Pollock, em 1941, ao aproximar a sociologia da economia, reduzindo a importância das leis econômicas e da necessidade de analisar a economia criticamente¹⁴, segue este mesmo padrão. Propõe-se aqui que, ao ler a tese proposta por Friedrich Pollock, em 1941, tendo em vista a metodologia proposta por Horkheimer nestes dois textos, se pode argumentar que a tendência de reduzir a importância da análise econômica, em prol de uma análise política (para a Teoria Crítica na década de 1940–1950), não é um fenômeno iniciado pela adoção da tese de Pollock, mas percorre a Teoria Crítica como uma tendência desde sua formação, e atinge sua justificação em 1941.

Palavras-chave: Friedrich Pollock; Max Horkheimer; Teoria-Crítica; Escola de Frankfurt; Crítica da Economia Política.

Bibliografia:

ABROMEIT, John. “**Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School**”. New York: Cambridge Press, 2011.

BENHABIB, Seyla. Critique, “**Norm, and Utopia: A Study of the Foundations of Critical Theory**”. New York: Columbia University Press, 1986.

BRICK, Barbara, and Moishe Postone. “**Introduction Friedrich Pollock and the ‘Primacy of the Political’: A Critical Reexamination.**” *International Journal of Politics*, vol. 6, no. 3, 1976, pp. 3–28. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/27868832>. Accessed 5 Apr. 2025. Gangl, Manfred. **The controversy over Friedrich Pollock’s state capitalism. History of the Human Sciences** 2016, Vol. 29(2) 23–41 a The Author(s) 2016

HONETH, Axel. “**Teoria Crítica. In: Giddens, Anthony. Teoria social hoje**”. São Paulo: Editora Unesp, 2005. p.503-552.

¹³ Para maior aprofundamento na relação entre Horkheimer, sociologia e psicologia, ver Abromeit (2011) p. 185-226.

¹⁴ Se aproxima aqui da argumentação realizada por Brink (2015).

HORKHEIMER, Max. **“Between Philosophy and Social Science. Selected Early Writings Max Horkheimer”**, MIT Press 1993

—————, **“Teoria Tradicional e Teoria Crítica, Idem, Filosofia e Teoria Crítica**, em Os Pensadores XLVIII” (org. Loparic e Arantes), Editor Victor Civita, São Paulo, 1975, pp. 125-169

————— **“The Jews and Europe”**. In: Bronner, Stephen Eric; Kellner, Douglas MacKay. **“Critical Theory and Society”**: A Reader. New York: Routledge 1990. p.77-94. —————. **“The authoritarian state”**. Telos 15.1 (1973): 3-20.

JAY, Martin. **“A Imaginação Dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisa Sociais”**, 1923-1950. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

LENHARD, Philipp. Introdução: **“Às análises de Friedrich Pollock do nacional-socialismo”**. In: POLLOCK, Friedrich. **“Crise e transformação estrutural do capitalismo”**: Artigos na Revista do Instituto de Pesquisa Social, 1932-1941. Florianópolis: Nefipo/CFH/UFSC, 2019. p.8-34. Neumann, Franz. Behemoth: **“The Structure and Practice of National Socialism”**, 1933-1944. Chicago: Ivan R Dee, 2009.

POLLOCK, Friedrich. **“Crise e transformação estrutural do capitalismo”**: Artigos na Revista do Instituto de Pesquisa Social, 1932-1941. Florianópolis: Nefipo/CFH/UFSC, 2019. ten Brink, T. (2015), Economic Analysis in Critical Theory: The Impact of Friedrich Pollock's State Capitalism Concept. CONSTELLATIONS, 22: 333-340. <https://doi.org/10.1111/1467-8675.12191>

WIGGERSHAUS, Rolf. **“The Frankfurt School : Its History, Theories, and Political Significance Studies in Contemporary German Social Thought”**. MIT Press, 1995.

MAQUIAVEL E A APARÊNCIA: CULTO À PERSONALIDADE PRINCIPESCA

Nome: João Pedro Magalhães Terena¹⁵.

Orientador: Prof. Dr. José Eduardo Marques Baioni.

Departamento de Filosofia-Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Agência de fomento: CNPQ-4603

Resumo:

Diretamente, Maquiavel não é um filósofo da aparência nem do culto à personalidade. Contudo, esses problemas são pertinentes como objetos de análise. No capítulo XVIII, ao investigar o modo como os homens julgam, percebe que a maioria deles (o vulgo) se deixa enganar pela aparência. Essa fragilidade da natureza humana, que é subjugada pelas necessidades imediatas — pois aqueles que enganam sempre encontrarão os que se deixam enganar —, é favorável ao príncipe de *virtù* que, simulando e dissimulando suas ações, consegue manipular os que se deixam iludir. Esses julgamentos constroem a reputação do príncipe. E, como tal reputação é um construto, é possível moldá-la por meio da astúcia do governante. Além dessa fragilidade natural dos homens, há outro elemento fundamental na argumentação maquiaveliana: a religião. O príncipe que se mostra religioso é idealizado como um governante virtuoso, que age segundo os imperativos de Deus. A capacidade de se apresentar como religioso define a durabilidade de um governante, pois, sendo necessário adaptar-se aos caprichos da Fortuna, há momentos em que é imprescindível que o príncipe não seja bom. No entanto, quando já se distanciou da má fama e é visto como homem de louvor, o fato de não ser bom é distorcido e até glorificado pelo vulgo. O culto à personalidade é uma questão a ser considerada na medida em que o príncipe de *virtù* se impõe no imaginário coletivo como um governante virtuoso.

Palavras-chave: Política; juízo; vulgo; *virtù*; religião.

Bibliografia:

ADVERSE, Helton. Maquiavel: **política e retórica**. Ed. 1°. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Trad. de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Editora 34, 2017.

¹⁵ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0190502561643631>

ENS PER ACCIDENS: A QUERELA ACERCA DA CONCEPÇÃO DE NATUREZA HUMANA NA CORRESPONDÊNCIA DE DESCARTES E REGIUS

Nome: João Victor Rezende Dias¹⁶

Orientador: Prof. Dr. Luís César Guimarães Oliva

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo

Fomento: FAPESP

Resumo:

Em meados de dezembro de 1641, Descartes escreve uma carta ao médico holandês Henricus Regius para alertá-lo a uma das teses mais polêmicas que podem ser tiradas de sua filosofia e que atormentará o filósofo pelo resto de sua vida: a de que o homem é um ser por acidente. A tese deriva da clássica concepção cartesiana de que o homem é uma união entre duas substâncias que são realmente distintas uma da outra, de tal modo que cada uma possui uma natureza completa em si mesma e não depende de uma outra. Não é surpresa, nesse sentido, que Regius considere que essas duas substâncias, nada dependendo uma da outra, estejam unidas apenas por acidente. Em outras palavras, para Regius a união substancial, pela qual o homem é composto, é contingente. Da interpretação do médico holandês, surgem duas consequências imediatas, uma teológica e uma antropológica: Teológica porque envolve dizer que Deus criou o homem como união sem necessidade (ferindo o princípio cartesiano de que Deus age por necessidade porque fez aquilo ser necessário); Antropológica porque levá-nos a crer que não há problemas em ter uma perfeita concepção de homem em cada uma das suas substâncias separadas, sem risco de corrupção de sua natureza - ou seja, que seria possível conceber o homem só com o corpo ou só com a alma (o que é um absurdo quando pensado a partir da segunda metade da *Meditação Sexta*). A primeira dessas consequências - a teológica - é a que mais preocupa Descartes, especialmente pelas acusações de heresia dirigidas a Regius pela Igreja, o que desencadeia o que a tradição denomina a *Querela de Utrecht*, envolvendo o médico holandês e o Padre Voëtius.

É em meio a toda essas polêmicas envolvendo o cartesianismo e as primeiras teses dele derivadas, que Descartes se vê obrigado a definir em termos mais precisos a sua concepção de

¹⁶ Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/5411147765850543>

natureza humana - o objetivo da comunicação é expor esses contornos precisos que o autor dá a essa noção. Para tal, Descartes parte de um ponto duro: “não é de modo algum accidental ao corpo humano de ser unido à alma, mas isso é sua própria natureza” (*AT* III, p. 460, l. 25-27). É essa concepção de natureza que nos é central, não somente porque aponta que é natural e necessário que o homem seja compreendido como união entre duas substâncias distintas em uma unidade; mas principalmente porque diz especificamente que é natural à alma receber o corpo é que é natural ao corpo receber a alma. Assim, o que interessa Descartes é dizer que não se trata de qualquer alma e de qualquer corpo que se unem, mas de uma alma humana, feita para unir-se a um corpo, e de um corpo humano, criado para receber a alma humana. O corpo humano é, então, a união de duas substâncias criadas uma para a outra reciprocamente, de tal modo que a heterogeneidade dual segundo a qual ela se compõe é maior do que a soma de suas partes. É a partir disso que Descartes derruba as problemáticas teológicas e antropológicas na concepção do homem enquanto heterogeneidade engendradas por Regius, apontando que as duas substâncias que compõem o homem estão subordinadas a uma natureza da união que lhes é própria e interna. Em uma palavra, o esforço do autor é mostrar que é da natureza do corpo e da alma humana se unirem.

Palavras-Chave: Natureza Humana ; Corpo Humana ; União Substancial ; Cartesianismo.

Bibliografia:

DESCARTES, René. **Lettres à Regius et remarques sur l' explication de l'esprit humain.** Trad. Fran. por Geneviève Rodis-Lewis. Paris: Vrin, 1959.

_____. **Œuvres de Descartes** - 11v. ADAM, C.; TANNERY, P. (Ed).

Paris : J. Vrin, 1996.

DESCARTES, René; SCHOOCK, Martin. **La querelle d'Utrecht.** Org e trad. por Theo Verbeek, notas de Martinus Schoock e introdução de Jean-Luc Marion.

KAMBOUCHNER, Denis. **L'Homme des passions : Commentaires sur Descartes.** Tomo I. 1ª ed. Paris: Éditions Albin Michel S.A., 1995.

MARION, Jean-Luc. **Sur la pensée passive de Descartes.** 1ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2013.

O CONCEITO PSICANALÍTICO DE DESEJO E SUA RELAÇÃO COM AS CONTRIBUIÇÕES FREUDIANAS DECORRENTES DA FORMULAÇÃO DA SEGUNDA TEORIA PULSIONAL

Nome: Julio Moya Kazmarek¹⁷

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria

Departamento de Psicologia-Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo:

Em 1920, ao postular a segunda teoria pulsional no livro “*Além do Princípio de Prazer*”, Sigmund Freud abriu margem para a introdução de novos conceitos, como a compulsão à repetição e as pulsões de vida e de morte. No entanto, em decorrência dessa virada na teoria psicanalítica, grande parte da trama conceitual freudiana que precede esse período precisou ser reformulada ou rearranjada de modo a dar conta das novas descobertas. Esta comunicação é baseada em nossa pesquisa que interessa compreender como o conceito de *desejo*, que encontra um respaldo adequado na primeira teoria pulsional, que consistia na dualidade entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, se relaciona com os conceitos de pulsão de morte e pulsão de vida a partir das contribuições teóricas sobre o narcisismo e a elaboração da segunda tópica do aparelho psíquico. Para a realização de tal objetivo, empregaremos na pesquisa uma análise de textos de Freud e de outros teóricos da psicanálise a fim de entender as possibilidades e os entraves que a noção de desejo encontra nesse novo momento da teoria freudiana.

Palavras-chave: desejo; pulsão de morte; Freud; psicanálise.

¹⁷ Lattes: [CV: http://lattes.cnpq.br/3049122030189484](http://lattes.cnpq.br/3049122030189484)

DA “HISTÓRIA DA RELIGIÃO” A POLÍTICA: UMA ANÁLISE DA TRANSIÇÃO DO POLITEÍSMO AO MONOTEÍSMO EM DAVID HUME

Nome: Leda Rosa Moreira¹⁸

Orientador: Prof. Dr. Pedro Fernandes Galé

Departamento de Filosofia; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar a transição do politeísmo ao monoteísmo na obra *História Natural da Religião*, de David Hume, e refletir sobre como esse processo pode ser compreendido partindo da hipótese humeana de que a religião não é revelada pela razão, mas nasce da experiência sensível, da imaginação e da projeção de causas sobre fenômenos desconhecidos, o trabalho discute como a crença religiosa se constitui com base em mecanismos psicológicos e sociais, desde os primeiros povos, assumindo diferentes formas conforme o desenvolvimento das sociedades humanas.

Hume afirma que o politeísmo foi a primeira forma de religião entre os homens, surgido da tendência natural de atribuir causas personalizadas a elementos da natureza. Ao se deparar com fenômenos extraordinários, o ser humano projeta suas paixões — medo, esperança, admiração — sobre objetos externos, criando deuses e cultos variados. O politeísmo, nesse sentido, está ligado a um modo de vida, plural e tolerante, sem uma doutrina única, refletindo também estruturas políticas fragmentadas, como tribos e cidades-estado. Já o monoteísmo, segundo Hume, exige um salto conceitual e abstrato, que concentra em um único Deus a totalidade das forças e do juízo moral. Esta mudança não decorre naturalmente da observação do mundo, mas é construída culturalmente e muitas vezes imposta institucionalmente.

O trabalho argumenta que o monoteísmo surge em contextos de centralização do poder e frequentemente atua como instrumento de unificação e controle social. Ao institucionalizar um único objeto de fé. Hume critica essa uniformização, destacando como a superstição e o fanatismo podem transformar a religião em ferramenta de opressão, não apenas espiritual, mas também política. Conclui-se que a crítica de Hume à religião continua atual e pertinente para compreender o papel da fé nas disputas políticas e culturais contemporâneas. Sua análise oferece

¹⁸ Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/0641183812733005>

um ponto de partida para pensar os limites entre razão, crença e poder, especialmente em tempos de instrumentalização religiosa em regimes democráticos.

Palavras-chave: Religião Natural; David Hume; Crença; Politeísmo; Monoteísmo; Política.

Bibliografia:

CAMPELO, W. de H. P. **Naturalismo, ceticismo e empirismo em David Hume: seus compromissos epistêmicos para além do fundacionalismo**. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), [S. l.], v. 21, n. 36, p. p. 63–88, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/6818>. Acesso em: 19 dez. 2023.

HUME, David. **História natural da religião**. Jaimir Conte. São Paulo: Unesp, 2005
The Natural History of Religion, edited by H. E. Root (London, 1956).

HUME, David. **Dissertação sobre as paixões**. Trad. Jaimir Conte.

HUME, David. **A arte de escrever ensaio**. Trad. Márcio Suzuki e Pedro Pimenta. São Paulo: EDITORA ILUMINURAS LTDA. 2011.

CHRISTOPHER J. Berry. **Essays on, Hume, Smith and the Scottish**

enlightenment . Edinburgh University Press, 2018.

HUME D. **Tratado da natureza humana: Uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais**. 2.ed. ver. e ampliada. – São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HUME D. **Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. – São Paulo: Editora Unesp, 2004.

LOUZADA, Rebeca G. Progresso moral na filosofia social humeana. Revista Estudos Hum(e)anos v. 10 n. 2, 2022. Disponível em: <https://revista.estudoshumeanos.com/>

OLIVEIRA, Joilson L. **Reflexões acerca das contribuições de David Hume: possíveis definições de filosofar**. Revista Estudos Hum(e)anos v. 10 n. 2, 2022.

COELHO, Carlos. **A noção de crença em David Hume**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/9865>

SANTOS, Hamilton F. **O triunfo das paixões: reputação, mérito e justiça em David**

Hume. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
Disponível em: <

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-17022023-160332/pt-br.php>>

CONTE, Jaimir. **Nota sobre as traduções das obras de David Hume para o português**.

EDUCANDO O OLHAR: UMA ANÁLISE SOBRE A ALEGORIA EM WINCKELMANN

Nome: Leonardo Henrique de Souza Luciano¹⁹

Orientador: Prof. Dr. Pedro Galé

Departamento de Filosofia; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Agência de fomento: FAPESP

Resumo:

Neste trabalho buscamos analisar e relacionar os sentidos da Alegoria em algumas obras de Johann Joachim Winckelmann (1717-1768), tendo como escopo principal dois de seus textos: *Pensamentos sobre a imitação das obras gregas na pintura e na escultura* (1755) e *Ensaio para uma alegoria especialmente para as artes* (1766). Consideramos, em especial, a prática alegórica como simbolização (de conceitos) por meio de imagens, um método de contemplação e de (re)produção artística basilar para uma educação da sensibilidade, tanto do espectador quanto do artista..

Palavras-chave: Estética; Winckelmann; Alegoria; Símbolo; Imagem.

Bibliografia:

GALÉ, P. F. “**Ut pictura poesis: Winckelmann e a Alegoria**”. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 143, ago/2019, pp. 417-435.

KÄFER, M. “**Aspekte zu Winckelmanns Allegorientheorie**”, pp. 25-35. In: *Antik und Barock*. Stendal: Winckelmann-Gesellschaft Vlg., 1989.

MATTOS, C. V. “**Winckelmann, a bela alegoria e a superação do *paragone* entre as artes**”. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 29, jul/dez, 2011, pp. 72-86.

WINCKELMANNi, J. J. **Essai sur l'allégorie, principalement à l'usage des artistes**. Paris: H. J. Jansen, 1799.

WINCKELMANN, J. J. **Reflexões sobre a arte antiga**. Estudo introdutório de Gerd A. Bornheim. Trad. de Herbert Caro e Leonardo Tochtrop. 2ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1993.

¹⁹ Lattes: [CV: http://lattes.cnpq.br/3958649655245962](http://lattes.cnpq.br/3958649655245962)

DELEUZE E A CRÍTICA À HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Nome: Lucas Pinheiro de Oliveira²⁰

Orientadora: Profa. Dra. Débora Cristina Morato Pinto

Departamento de Filosofia; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo:

Este trabalho é fruto de algumas especulações que estão sendo desenvolvidas por nós na redação de nossa monografia de graduação. Neste sentido, aquilo que vamos apresentar ainda não possui o caráter conclusivo de um projeto já desenvolvido e acabado, pelo contrário, é o enredo do percurso que pretendemos correr durante a pesquisa. Procuramos trazer para o público de que forma o tema da imaginação se colocou em nosso horizonte e de que maneira ele implicava-nos a colocar a seguinte questão: como Deleuze se valeu da própria estrutura conceitual da imaginação para compor aquilo que Alliez veio a definir como o seu estilo, o “*deleuzianismo*”: um tipo de filosofia que se apoia no discurso indireto livre para constituir um espaço diferencial, de onde brota uma nova imagem do pensamento²¹. A partir dessa questão, ensejamos o tratamento que Deleuze deu para imaginação em *Empirismo e subjetividade* (1953), monografia sobre Hume que visa discutir o problema da subjetividade. Neste esforço de análise, acreditamos nos situar em um lugar da obra deleuziana que nos oferece ao mesmo tempo 1) a interpretação de Deleuze sobre Hume; 2) a forma singular com que Deleuze compõe seus textos de História da Filosofia; 3) e a crítica à História da Filosofia e ao método de se escrever sobre Filosofia.

Palavras-chave: imaginação; ficção; duplo; representação; História da Filosofia

Bibliografia:

ALLIEZ, Éric. **Deleuze: filosofia virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G. Hume, in. **A ilha deserta**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi, Roberto Machado. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

²⁰ E-mail de contato: lucaspinheiro1@estudante.ufscar.br

²¹ ALLIEZ, Éric. Deleuze: filosofia virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, p. 11.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**. Tradução de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

SOBRE CRONOPOLÍTICA EM BERGSON

Nome: Luís Otávio Bachega Groppo²²

Orientadora: Débora Cristina Morato Pinto

Departamento de Filosofia-Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Agência de Fomento: CNPQ

Resumo:

O objetivo da comunicação é apresentar em que medida pode-se visualizar um sentido político na obra de Bergson. Para tal, analisaremos a ideia de tempo do autor, começando pela noção capital de *duração*. Para visualizar também a ideia sua noção de memória e percepção. Não queremos esgotar a pergunta, mas simplesmente abrir a discussão: é possível pensar a filosofia bergsoniana como paradigma de uma cronopolítica? Ou seja, uma política que leve em consideração os afetos, as percepções, a memória, que tome em consideração as relações invisíveis que se dão mais no tempo mas que perdemos por pensarmos por meio do espaço, que são imediatamente acessadas pela consciência, mas que só conhecemos após um esforço de recuperação da realidade que se esconde atrás da representação em busca da intuição da duração.

Palavras-Chave: cronopolítica; intuição; duração; Bergson.

Bibliografia:

BERGSON, Henri. **Oeuvres**. Paris, PUF, 1959.

_____. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução e notas de Maria Adriana Camargo Capello; Prefácio e notas de Débora Cristina Morato Pinto. São

Paulo, Edipro, 2020.

_____. **Matéria e Memória**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. **Matière et Mémoire**, Édition Critique. Paris, PUF, 2012.

_____. **Leçons d'histoire de la philosophie moderne, Théories de L'âme, Cours III**. Paris, PUF, 1995.

²² Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/6126553602786135>

BONACCINI, Juan. **Kant e o problema da coisa em si no idealismo alemão**. Rio de Janeiro, Relume Dumará/UFRN, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Tradução dos textos em apêndice de Lia Oliveira Guarino e Fernando Fagundes Ribeiro. São Paulo, Editora 34, 2010.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2001.

LAPOUJADE, D. **Potências do tempo**. Trad. Hortencia Santos Lencastre. São Paulo, n-1 edições, 2023.

PELBART, P. **A nau do tempo rei**. Rio de Janeiro, Imago, 1993.

PRADO JR., Bento. **Presença e Campo Transcendental**. São Paulo, Edusp, 1989.

WORMS, Frédéric. **Bergson ou os dois sentidos da vida. Tradução de Aristóteles Angheben Predebon**. São Paulo, Editora UNIFESP, 2011.

_____. **Introduction à Matière et Mémoire**. Paris, PUF, 1997.

_____. **Vocabulaire de Bergson**. Paris, Elipses, 2000.

A INFLUÊNCIA DO NARCISISMO NAS MANIFESTAÇÕES DA PULSÃO ESCÓPICA EM FREUD

Nome: Marina Zupiroli de Almeida²³

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo:

A sexualidade se faz presente na obra freudiana em diversos cenários, desde o desenvolvimento psicosssexual infantil—sendo a vida sexual adulta marcada pelas experiências singulares da sexualidade infantil—até o processo de formação da família e da civilização. O olhar insere-se nesta dinâmica por representar o caminho pelo qual a excitação libidinal é mais comumente despertada, agindo como um mecanismo intermediário no alcance da meta sexual final—a copulação. Nesse sentido, Sigmund Freud dedica-se a teorizar a respeito da pulsão de olhar, a partir de sua manifestação pelo par de opostos exibicionismo/*voyeurismo*, dando ênfase aos destinos desta pulsão e dividindo-a nas fases de desenvolvimento autoerótica, ativa e passiva—nas quais o indivíduo inicialmente contempla a si mesmo, depois um objeto externo e por fim é contemplado por alguém. Ao fazer isso, o autor propõe também, em 1915, uma relação associativa das fases de desenvolvimento da pulsão escópica com as fases de desenvolvimento do Eu: o narcisismo primário, na qual as pulsões sexuais encontram satisfação pela via do autoerotismo; o amor objetal, em que a libido passa a ser investida em objetos externos; e o narcisismo secundário, a partir do retorno dos investimentos libidinais para o Eu. Essa associação permite pensar as manifestações voyeuristas e exibicionistas como sendo expressões da libido marcadas pela organização narcísica do indivíduo. Dessa forma, o presente trabalho investiga, com base na obra freudiana, a relação existente entre o par exibicionismo/*voyeurismo* e as formações narcísicas do indivíduo; a hipótese que permeia o projeto é a de que as formas ativa e passiva da pulsão de olhar manifestam-se de acordo com—e por influência de—a estruturação do Eu, período no qual os investimentos libidinais se atém ora no Eu, ora em objetos externos, a depender da fase, e no qual podem ocorrer fixações libidinais específicas que influenciarão a expressão sexual do indivíduo adulto. A comunicação é baseada em nossa pesquisa que é fruto de um projeto de monografia em andamento que busca fazer uma

²³ Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/2610137747919007>

exploração e análise da obra freudiana e suas proposições, visando encontrar subsídios que colaborem para a construção da argumentação proposta; contando com a bibliografia de comentadores e pesquisadores da teoria freudiana.

Palavras-chave: Freud; pulsão escópica; narcisismo; fixação.

Bibliografia::

BERTANHA, Valesca Bragotto. **O papel do eu no início da psicologia freudiana**. 2006. 98p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/4818>. BIRMAN, J. FULGENCIO, L., KUPERMANN, D. & CUNHA, E. L. (Orgs.). **Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea**. São Paulo: Zagodoni, 2016.

FILLA, Munique Gaio. **A constituição do conceito de narcisismo na teoria freudiana (1895-1914)**. 2018. 144 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/10000>

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. In **Obras completas: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (v. 18 pp. 13–122). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1930) .

_____. **Obras incompletas de Sigmund Freud: Pulsões e seus destinos** - Edição Bilingue. (1a ed.). Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Original publicado em 1915) _____ . **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In **Obras completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos** (v. 6, pp. 20–172). São Paulo: Companhia das Letras, 2016a. (Original publicado em 1905)

_____. **Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses**. In **Obras completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos** (v. 6, pp. 348–360). São Paulo: Companhia das Letras, 2016b. (Original publicado em 1906).

GARCIA-ROZA, L. A. **Artigos de metapsicologia, 1914–1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. (7ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Original publicado em 1995).

LAPLANCHE, J. **Freud e a sexualidade: o desvio biologizante**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Original publicado em 1967).

GUIMARÃES, L. M. **Três estudos sobre o conceito de narcisismo na obra de Freud: origem, metapsicologia e formas sociais**. 2015. Disponível em:

<https://doi.org/10.11606/d.47.2012.tde-14022013-104450>

MONZANI, L. R. **Freud: O movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

QUINET, A. **A sociedade escópica e o estado digital**. Trivium: Estudos Interdisciplinares, 14(1), 103–112, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2022vnspeap.103>

RIBEIRO, P. de C. **A metafísica do olhar: breve interlocução com Sartre, Merleau-Ponty e Lacan**. Estudos em Teoria Psicanalítica, 15(2), 289–299, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1516-14982012000200006>.

VALAS, P. **Freud e a perversão**. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

WOLLHEIM, R. **As ideias de Freud**. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

A BATALHA ESPACIAL NA ONTOLOGIA NEGRA

Nome: Martte Giovanni Rebelo

Orientador: Prof. Dr. Francisco Augusto de Moraes Prata Gaspar

Departamento de Filosofia; Universidade Federal de São Carlos

Agência de fomento: CNPq-Nº do processo: 158683/2024-2

Resumo:

Tendo a leitura do *Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser* como base, temos efetuado uma investigação acerca da subjetividade negra e de como ela é afetada pela ação do dito dispositivo. Sueli Carneiro lança mão de conceitos foucaultianos para instituir, na sociedade brasileira, a racialidade enquanto um dispositivo – que, segundo o autor francês, sempre é um dispositivo de poder – e, dessa forma, compreender a maneira com a qual os processos de subjetivação da população negra são atravessados por ele.

Através de conceitos como o biopoder e o epistemicídio, Carneiro demonstra como o dispositivo se estrutura para negar à população negra o corpo e o conhecimento (respectivamente), bem como a condição de sujeitos de conhecimento sobre si mesmos e qualquer assunto que requeira o conhecimento formal e acadêmico. Coloca, também, as interdições à subjetividade enquanto um ponto nodal para apreender essas negativas, trazendo uma única humanidade possível, ainda que não seja possível para as pessoas negras. Essas negativas, quando trabalhando conjuntamente, agem de forma a introduzir a população negra para o lugar do não-ser. Assim, é através da diferenciação do que não se é que teremos a síntese do que se trata a branquitude no Brasil.

Enquanto estudávamos as bases conceituais utilizadas pela obra carneireana, tivemos a oportunidade de encontrar, no trabalho de Mills (2023) um subcapítulo acerca da normatização dos espaços, classificando-os enquanto civis e selvagens; o autor situa, pouco depois, uma relação entre espaço e raça – afinal, existem espaços distintos destinados a pessoas brancas e não brancas –, e entre raça e personalidade²⁴. Há também, uma asserção acerca do corpo ser um desses espaços a ser considerado e normatizado:

“[...] há o microespaço do próprio corpo (que, em certo sentido, é o fundamento de todos os outros níveis), o fato [...] de que as pessoas e subpessoas, os cidadãos e não

²⁴ O contrato racial irá criar a condição de pessoas e sub-pessoas, brancas e não brancas, respectivamente.

cidadãos que habitam esses regimes o fazem encarnados em envelopes de pele, carne e cabelo.” (Mills, pp. 90-91)

Quando existem espaços selvagens que precisam ser domesticados e o corpo se torna um deles, estamos falando sobre parte da subjetividade sendo entendida enquanto selvagem e passível de domesticação. Esse fato torna a própria subjetivação um processo de domesticação e perseguição de algo que não é cabível a esse corpo – vide o ideal do ego branco perseguido pela população negra, apontado por Neuza Santos Souza em *Tornar-se Negro*. Quando o negro (subpessoa, não-ser) busca encontrar em si um espaço de resistência e vivência autônoma e não pode fazê-lo por conta das negativas supracitadas e da percepção de seu corpo e conhecimento enquanto selvagens, temos um problema para a construção dessa subjetividade.

A comunicação que proponho tem o intuito de trabalhar a questão dessa *batalha espacial* enquanto forma de dominação colonial e impossibilidade de autodeterminação para a população negra, vítima da ação silenciosa do dispositivo de racialidade em todas as suas atuações.

Palavras-chave: Autodeterminação; Ontologia; Racialidade; Subjetividade

Bibliografia:

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade:** A Construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

_____. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011

_____. **Escritos de uma vida.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latinoamericano:** ensaios, intervenções e diálogos. Org. Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MILLS, Charles. **O Contrato Racial.** Trad. Teófilo Reis. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

REFLEXÕES ACERCA DE UM “ESMAGAMENTO” MODERNO: FANON E KAFKA NA COLÔNIA PENAL

Nome: Matheus Amaral Santos²⁵

Orientadora: Profa. Dra. Silene Torres Marques

Departamento de Filosofia; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Agência de fomento: FAPESP - 2024/14361-0

Resumo:

À luz de dois centenários. Da morte de Franz Kafka em 2024 e dos 100 anos de nascimento de Ibrahim Frantz Fanon em 2025. Esta apresentação baseia-se no processo de escrita de um ensaio, onde pretendemos situar dois autores *aparentemente* distantes do século XX. Tendo por desafio a pergunta inquietante: *Podemos relacionar Fanon e Kafka? Quais são os encontros e desencontros acerca de suas colocações sobre linguagem, violência e colonização?* Seguindo esta dúvida fundamental lançaremos mão de considerações acerca das semelhanças encontradas na novela “*Na Colônia Penal*” de Kafka e nos textos de Fanon acerca das temáticas da colonização e linguagem, do qual destacamos: “*O negro e a Linguagem*” situado na obra “*Pele negra, máscaras brancas*” e “*Sobre a violência*” presente na sua obra “*Os condenados da Terra*”.

Em seus textos Fanon atribui importância fundamental ao *fenômeno da linguagem*, assim, dentro de um aspecto fenomenológico, por hipótese captamos em Fanon uma interação interessante entre *corpo* e linguagem *enquanto* “*partes totais*” uns dos outros, visto que no processo colonial a violência para o autor interage com a linguagem e é capaz de “*ferir*” o corpo.

Assim, no encontro dos problemas fanonianos e dos retratos kafkianos podemos traduzir este fenômeno, por meio da aceção de *uma linguagem capaz de ferir a carne* (Faustino, 2022), justamente o sentido deste ferir a carne que buscamos elucidar. Neste contexto, ao esboçar uma relação entre os dois autores pretendemos pensar os problemas em torno da modernidade e da colonização como um outro ponto de possível convergência entre os autores que também desemboca nos desdobramentos acerca dos temas: corpo, linguagem e violência. Assim a exposição será organizada da seguinte forma: 1. *Elucidar o problema do fenômeno da linguagem em Fanon* 2. *Pensar a relação que Kafka esboça com a linguagem* 3. *A interação corpo,*

²⁵ Lattes: [CV: http://lattes.cnpq.br/7533525457481445](http://lattes.cnpq.br/7533525457481445)

linguagem e violência nos dois autores e 4. Considerações finais sobre a crítica à modernidade e colonização na ótica kafkiana e fanoniana. Neste caminho como contribuição filosófica além de pensar a temática da linguagem à luz da fenomenologia e da violência, será possível encontrar nos autores uma forma de situar seu pensamento e as questões filosóficas sob um “*estar fora*” (Anders, 2014) marcado pelas experiências modernas e coloniais, que traz à tona ecos criativos, inovadores e inventivos do ato de pensar e filosofar.

Palavras-chave: Linguagem; Violência(s); Modernidade; Corpo; Fenomenologia

Bibliografia:

ADORNO, Theodor W. **Prisms**. Tradução de Samuel e Shierry Weber. Cambridge, MA: The MIT Press, 1981.

ANDERS, Günther. **Kafka: pró e contra**. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Luiz Orlandi e Virgínia de Araújo Orlandi. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**, trad. Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022..

_____. **O olho se afoga/Mãos paralelas - Teatro Filosófico**. Salvador: Editora Segundo Selo, 2020.b. Prefácio de Robert J.C Young.

_____. **Écrits sur l'aliénation et la liberté: œuvres II**. Textos reunidos, introduzidos e apresentados por Jean Khalfa e Robert J. C. Young. Paris: Éditions La Découverte, 2015.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon e as Encruzilhadas: Teoria, Política e Subjetividade**. São Paulo, Ubu Editora, 2022.

KAFKA, Franz. **Na Colônia Penal**. In: **Essencial Franz Kafka**. Tradução e Apresentação de Modesto Carone. São Paulo: Penguin Books, 2013.

PONTY-, M. M. **Sobre a Fenomenologia da Linguagem**, in: Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1975. Seleção de textos, notas e tradução por Marilena Chauí de Souza.

SARTRE, Jean-Paul. **Explicação de O Estrangeiro** in: **Situações I**. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2005.

SANTOS, Patrícia da Silva. **Racionalidade moderna e Franz Kafka**. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2017. (Série Monografia, n. 15). Disponível em:

https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/monografia_15_-_senha_-_outubro_2017_0.pdf. Acesso em: 20 abr. 2025.

O ABSOLUTO EM SARTRE

Nome: Matheus de Carvalho Amadeus²⁶

Orientadora: Prof. Dr. Luiz Damon dos Santos Moutinho

Departamento de Filosofia; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Agência de fomento: FAPESP - 2024/07443-0

Resumo:

Quando não se detiveram ao conceito de Absoluto, propriamente, muitos dos mais célebres pensadores da História da Filosofia (como Hegel, Kant, Fichte, Descartes, os escolásticos etc.) se referiram a ele ao menos virtualmente, enquanto delimitavam seus conceitos, princípios e fundamentos, dos mais basilares aos mais complexos. Na obra de Jean-Paul Sartre, em seu período intermediário (1939-1960), o absoluto surge, ao menos, como imanência absoluta e transcendência absoluta, sob as formas da consciência intencional e da existência do Outro. A presente comunicação se guia pelo ensejo de explorar alguns recortes privilegiados das obras *O ser e o nada* e *Situações III*, onde a noção de absoluto aparece com determinado destaque nas reflexões, visando, assim, a exposição de alguns elementos do paradigma que conduz a filosofia sartriana.

Palavras-chave: existencialismo; fenomenologia; absoluto; consciência; ontologia fenomenológica.

Bibliografia:

LEOPOLDO E SILVA, F. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. **Sartre e o humanismo**. São Paulo: Almedina, 2019.

SARTRE, J-P. **O ser e o nada**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. **Situações III**. Trad. Rui Mário Gonçalves. Lisboa: Europa-América, 1971.

²⁶ Lattes: [CV: http://lattes.cnpq.br/4158976380617289](http://lattes.cnpq.br/4158976380617289)

A CONCEPÇÃO FREGEANA DOS VALORES DE VERDADE COMO OBJETOS DENOTADOS POR SENTENÇAS ASSERTIVAS

Nome: *Melissa Molka*²⁷

Orientador: *Marco Ruffino*

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Resumo:

No ensaio *Über Sinn und Bedeutung*, Frege elabora as suas noções semânticas de sentido (*Sinn*) e referência (*Bedeutung*) ao apresentar o problema semântico e epistêmico de como explicar a diferença cognitiva em enunciados de identidades. Esse problema, que ficou conhecido na literatura como *O Problema de Frege*, busca entender o motivo pelo qual um enunciado de identidade como a do tipo: “a = a” (sendo ‘a’ um termo singular) tem valor cognitivo trivial e, portanto, não expressa nenhum conhecimento, enquanto uma identidade do tipo: “a = b” (sendo ‘a’ e ‘b’ termos singulares distintos, mas, co-referenciais) têm valor cognitivo não-trivial. Para tentar solucionar esse problema, Frege argumenta que os nomes próprios além de referências, i.e., além dos objetos que eles denotam, expressam sentidos. O sentido é caracterizado por Frege como o modo de apresentação dos objetos, onde um mesmo sinal pode expressar diferentes sentidos. Ou seja, a diferença cognitiva existe porque os sinais envolvidos em um enunciado de identidade, embora tenham a mesma referência, expressam sentidos distintos. Por exemplo, no enunciado “a estrela da manhã é a estrela da noite”, embora os sinais ‘a estrela da manhã’ e ‘a estrela da noite’ tenham a mesma referência, a saber: o planeta Vênus, cada um desses sinais contém modos de apresentações (sentidos) distintos. No que se segue do ensaio, Frege estende essas noções semânticas de sentido e referência para o campo das sentenças assertivas (termos complexos). Nessa segunda parte, Frege é inusitado não somente em defender que as sentenças, assim como os nomes próprios, têm referências, mas também em defender que as denotações dessas entidades linguísticas são valores de verdade (o verdadeiro e o falso) e que, além disso, esses valores são entidades que pertencem ao domínio ontológico dos objetos. De certo, a concepção de que as sentenças têm referências e que essas referências são valores de verdade torna-se mais plausível quando se tem clareza sobre o que Frege entende pelas noções de sentido e referência e da sua distinção ontológica de função e objeto. Dito isso, meu objetivo com esta

²⁷ Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/1404672648801999>

apresentação é explicar o caminho argumentativo que Frege formula para a sua concepção de que os valores de verdade são objetos denotados por sentença.

Palavras-chave: Frege; Semântica; sentenças assertivas; valores de verdade

O PROJETO DE IDENTIDADE NACIONAL EM MÁRIO DE ANDRADE

Nome: Pedro Andrade Lorenzi²⁸

Orientador: Prof. Dr. Pedro Fernandes Galé

Departamento de Filosofia-Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo:

A arte nacional, desde a independência do Brasil, recebe um objetivo: O projeto de identidade nacional. *Macunaíma* muitas vezes é recebido como uma obra antropológica positiva: a determinação final do povo brasileiro. A apresentação visa mostrar, através das poesias de Mário e de Macunaíma, que não é bem assim. Mário, em vez de encerrar o debate antropológico com uma definição final, o abre: mostra a dualidade de um povo miscigenado. Um povo em circunstâncias geográficas, políticas e sociais contraditórias, sem determinação exata, mas sempre dividido em dois pólos opostos.

Palavras-Chave: Mário de Andrade; Macunaíma; Poesia modernista; Identidade Nacional.

²⁸ E-mail de contato: pedro.nevisa@gmail.com

DO MÉTODO DE STUART HALL À INDAGAÇÃO: “QUANDO FOI O PÓS-COLONIAL?”

Nome: Pedro Lucas Flora Dugaich²⁹

Orientador: Prof. Dr. Valter Roberto Silvério

Departamento de Sociologia; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo:

A produção do autor afro-diaspórico Stuart Hall dispõe de um método que encontra a ideia de *epistemologia subjacente* (Mellino, 2018), isto é, deságua na extrema sensibilidade de supremacia da contingência ou do político (articulação) para e no desenvolvimento histórico. Para Mellino, essa abordagem de Stuart Hall pode ser captada em seu encontro com a obra gramsciana, por meio da *sombra da diáspora negra*. Em outras palavras, considerando o contexto da experiência diaspórica e suas narrativas de deslocamento diante dos limites simbólicos do estado-nacional britânico na segunda metade do século XX. Nesse sentido, a seguinte comunicação pretende delinear como a perspectiva hallsiana, a partir de seu método, pode ser um caminho para pensar o *Pós-colonial*. Todavia, assumindo-o não na qualidade de um projeto fechado e total, mas enquanto uma *episteme-em-formação* e um *paradigma teórico distinto*, no qual o próprio Stuart Hall demarca e revisa em “*When Was the Post-colonial? Thinking at the Limit*”, publicado em 1996. Portanto, essa comunicação baseia-se em 3 objetivos: **I)** apresentar a trajetória e querelas de Stuart Hall e sua obra; **II)** expor a leitura de Miguel Mellino acerca do método do autor caribenho, e; **III)** delinear como o *Pós-colonial* é um termo rasurado na ótica hallsiana.

Palavras-chave: Stuart Hall; Pós-colonial; Diáspora Negra; Gramsci.

Bibliografia:

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. (org) Liv Sovik. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

HALL, Stuart. When Was the Post-colonial? Thinking at the Limit. In: Chambers, Iain; Curti, Lidia. **The postcolonial question: Common skies, divided horizons**. Routledge, 2002.
Mellino, M. Apuntes sobre el método de Stuart Hall. Althusser, Gramsci y la cuestión de la raza.

²⁹ Lattes: [CV: https://lattes.cnpq.br/7004612875007852](https://lattes.cnpq.br/7004612875007852)

Revista de Estudios Sociales, 64 | Abril 2018 consultado em 10 de abril de 2025. URL: <http://journals.openedition.org/revestudsoc/10058>.

MELINO, M. **La Crítica Poscolonial: Descolonizaciónm capitalismo y cosmopolitismo en los estudios poscoloniales**. Buenos Aires: Paidós, 2008.

MELINO, M. Por uma teoria complexa do racismo e das sociedades racialmente estruturadas: cultura, raça e poder segundo Stuart Hall. **Lugar Comum–Estudos de mídia, cultura e democracia**, n. 60, p. 207-226, 2021.

MULTICULTURALISMO E INFÂNCIAS NEGRAS: PERSPECTIVAS SOCIOLOGICAS SOBRE A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Nome: *Vitória Luiza Linné Nobre*³⁰

Orientador: *Dr. Hasani Eliotério dos Santos*

Departamento de Sociologia-Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo:

Essa apresentação é baseada no artigo *Multiculturalismo e Infâncias Negras: Perspectivas Sociológicas sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais*, desenvolvido em coautoria com o pesquisador Hasani Eliotério dos Santos e atualmente submetido à *Áskesis – Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar*. O objetivo da comunicação é apresentar parte dos caminhos teóricos e metodológicos mobilizados na construção da pesquisa, com ênfase na articulação entre produção de conhecimento, políticas públicas voltadas à infância e mobilização social pelos direitos das infâncias negras. A exposição parte do reconhecimento de que, ao longo do século XX, a sociologia passou por uma virada cultural, deslocando o foco das estruturas rígidas para os processos dinâmicos de produção social. No Brasil, esse deslocamento encontrou eco na abertura democrática e no fortalecimento das políticas educacionais orientadas pela *Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER)*, especialmente com a promulgação da *Lei 10.639/2003*. Nesse cenário, a apresentação busca refletir sobre como a infância negra tem sido pensada pela teoria sociológica partindo da análise de autores clássicos da escola francesa – Durkheim, Foucault e Bourdieu – cujas perspectivas enfatizam a centralidade das instituições sociais e dos processos de socialização na conformação das infâncias. A partir dessas leituras, emergem perguntas que orientam a comunicação: o que ocorre quando identificamos interdições e rejeições nos processos de socialização? Como compreender a infância diante da racialização e da exclusão institucional? Essas questões nos conduzem a autores que pensam a infância em sociedades multiculturais, como W.E.B. Du Bois, Frantz Fanon e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Assim, a apresentação será estruturada em cinco momentos: (1) introdução ao contexto político-pedagógico brasileiro e aos marcos normativos da ERER; (2) análise das contribuições clássicas de Durkheim, Foucault e Bourdieu — Durkheim com foco na socialização moral, Foucault ao compreender a infância como

³⁰ Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/2564405197514298>

categoria histórica produzida por práticas de poder e Bourdieu ao destacar que crianças estão desde cedo inseridas nas relações de poder e desigualdade; (3) aprofundamento nas perspectivas de Du Bois, Fanon e Petronilha — Du Bois a partir da infância marcada pela diferença e exclusão (episódio da troca de cartões), Fanon ao narrar a experiência do olhar branco sobre o corpo negro (“Olhe, um preto!”) e Gonçalves e Silva ao propor uma educação multicultural baseada nos conceitos de enegrecer, africanidades brasileiras e valores de refúgio; (4) apresentação dos dados iniciais do levantamento bibliográfico sobre a produção acadêmica sobre infâncias negras no Brasil entre 1991 e 2024, que evidencia a baixa centralidade do tema nas Ciências Sociais; e, por fim, (5) considerações sobre a urgência de se construir uma sociologia das infâncias negras que reconheça a infância como categoria racializada e politicamente situada. A proposta é, assim, oferecer uma leitura crítica sobre as disputas simbólicas e institucionais que atravessam a infância negra no Brasil, ressaltando que as crianças negras não apenas sofrem os efeitos da racialização, mas também produzem sentidos, resistem e transformam o mundo social.

Palavras-chave: Educação; Infâncias Negras; Relações Étnico-Raciais; Sociologia; Multiculturalismo.

TEXTO DE ENCERRAMENTO:

KARL MARX ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Bruno Fernandes

Doutorando em Filosofia pela UFSCar

Bolsista FAPESP

A Comissão Organizadora do **XIII Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos** escolheu como tema do evento deste ano de 2025 **Filosofia e sociedade: confrontos e tensões contemporâneas**. Um dos problemas que podemos tratar a partir dessa proposta, clássico na história da filosofia, é o da relação entre o filósofo e a sociedade, ou entre a teoria e a *práxis*. Talvez, em seus mais de dois milênios, desde as tentativas de Platão de transformar Dionísio I de Siracusa em um rei-filósofo, a Filosofia não tenha presenciado um vínculo tão significativo, com pretensão não apenas à **compreensão das mazelas sociais**, mas à sua **efetiva transformação**, como a que foi a levada a cabo no século XIX por Karl Marx e ampliada no século XX com o marxismo. Não à toa, não temos, até hoje, uma definição que supere a que foi dada por ele em 1843: a **“filosofia crítica” é o “autoentendimento da época sobre suas lutas e desejos.”**³¹ O evento promovido pelos colegas da graduação, por esse motivo, é uma ótima oportunidade para retomarmos as linhas gerais de como esse autor lidou com a relação entre a teoria e a *práxis* e como os filósofos podem, mesmo em meio a dificuldades específicas, levá-las adiante no século XXI.

Podemos começar lembrando que o **revolucionário** Karl Marx considerava-se, antes de mais nada, um homem **teórico**. Na verdade, e mais precisamente, ele não admitia uma prática que não fosse **amparada** por uma **teoria crítica**.

Numa carta de 30 de abril de 1867, escrita ao amigo Siegfried Meyer, ele justifica a demora em respondê-lo: “estive o tempo todo às portas da morte.”³² Os problemas de saúde, como uma doença no fígado, e financeiros, que só se intensificaram, debilitaram-no na época. Os médicos recomendaram-lhe tratamentos aliados ao repouso, já que, incansável, ele passava as

³¹ Marx, Karl. **Cartas dos Anais franco-alemães**. In. *Sobre a questão judaica*. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 73.

³² Marx, Karl; Engels, Friedrich. **Collected works**. Letters 1864-68. Translators Christopher Upward and John Peet. Great Britain: Lawrence & Wishart, 2010, p. 366.

noites em claro trabalhando. “Por isso”, completa ele, “tive que aproveitar cada momento em que estava em condições de trabalhar para terminar meu livro, pelo qual sacrifiquei minha saúde, minha felicidade e minha família. Espero que essa explicação seja suficiente.”³³

À primeira vista, poderíamos pensar que se trata simplesmente de um homem egoísta, tanto em relação à sua vida pessoal, quanto social. Destarte, essa é uma dedução que o próprio Marx não apenas não compartilha, mas entende como **típica das sociedades modernas**, em que cada homem é visto uniformemente como mônada que repousa em si mesma. Cabe destacar que o que diferencia uma sociedade tradicional de uma sociedade moderna é que **uma subordina o homem à sociedade e a outra subordina a sociedade ao homem**.³⁴ No primeiro caso, significa que suas aspirações individuais, sejam materiais ou morais, possuem menos força em um contexto em que as demandas coletivas são mais importantes. No segundo, por sua vez, significa que as aspirações coletivas, sejam materiais ou morais, possuem menos força em um contexto em que as demandas individuais são mais importantes. Por esse motivo, Marx distancia-se da sua própria condição, a do *Homo oeconomicus*, a do homem da troca, da utilidade, do consumo, etc., ao afirmar a Meyer que “Se alguém quisesse ser um boi, poderia, é claro, virar as costas para os sofrimentos da humanidade e cuidar apenas da própria pele.”³⁵ Não é, definitivamente, o seu caso. *O capital: Crítica da economia política*, livro ao qual ele se referiu anteriormente, não é simplesmente a obra de um homem, mas de uma sociedade inteira, sociedade que, a partir das suas contradições, demanda, sob pena de sua própria destruição e da destruição da natureza, a transformação de seu modo de produção e associação.

Ora, poderíamos pensar, ainda, que se não se trata de um homem egoísta, mas de um homem que está preocupado com as mazelas sociais, ele deveria dedicar-se às lutas práticas, e não a escrever livros. Sua resposta não nos deixa nenhuma dúvida a respeito disso: “**Rio-me dos chamados homens ‘práticos’ e de sua sabedoria.**” Em contraposição a eles, ele reivindica uma prática específica: “**eu realmente teria me considerado um homem não prático se tivesse morrido sem ter finalmente terminado meu livro — ao menos em manuscrito.**”³⁶ Com isso, Marx nos indica que **uma prática irrefletida é uma não prática humana** ou pelo menos uma **prática não revolucionária**, porque age sem conhecer as condições materiais da sua própria ação e, conseqüentemente, sem os cuidados necessários para **cortar os males pela raiz** e não

³³ Marx, Karl; Engels, Friedrich. Marx, Karl; Engels, Friedrich. **Collected works**. Letters 1864-68. Translators Christopher Upward and John Peet. Great Britain: Lawrence & Wishart, 2010, p. 366.

³⁴ Dumont, Louis. **Homo aequalis: Gênese e plenitude da ideologia moderna**. Tradução de José Leonardo Nascimento. Caxias do Sul: Edusc, 2000.

³⁵ Marx, Karl; Engels, Friedrich. Marx, Karl; Engels, Friedrich. **Collected works**. Letters 1864-68. Translators Christopher Upward and John Peet. Great Britain: Lawrence & Wishart, 2010, p. 366.

³⁶ Marx, Karl; Engels, Friedrich. Marx, Karl; Engels, Friedrich. **Collected works**. Letters 1864-68. Translators Christopher Upward and John Peet. Great Britain: Lawrence & Wishart, 2010, p. 366.

reproduzir nos movimentos dos trabalhadores as práticas estruturantes do modo de produção capitalista. É preciso encontrar estratégias adequadas para combater um modo de produção da riqueza essencialmente ancorado na troca de produtos sob a forma de mercadorias, portanto sob a égide da propriedade privada e dos interesses de classe.

É claro que, uma vez situado, é preciso passar a uma outra forma de ação. Durante sua vida, nosso autor sempre ligou-se a algum movimento, sendo o mais notório a Fundação Internacional dos Trabalhadores (AIT). No âmbito das discussões nos anos 1860, podemos mencionar a importância da dialética entre teoria e práxis em seu debate com John Weston, um representante das ideias do socialista utópico Robert Owen. Como o próprio Marx retoma em seu discurso, havia uma epidemia de greves e um clamor geral pelo aumento dos salários no Continente Europeu. Weston defendia que o aumento dos salários prejudicava os trabalhadores uma vez que produção e salário são grandezas fixas. Isso significaria que, ao aumentar os salários, os padrões aumentariam os preços. Marx se contrapõe a essa ideia, primeiro se referindo aos **balanços anuais da produção e da circulação de mercadorias e dinheiro** para mostrar que são **grandezas variáveis**, depois assumindo que, mesmo que fossem fixas, a reivindicação pelo aumento do salário não seria absurda uma vez que ela também vale para o lucro. Segundo ele, **“Se eu tiver um dado número, digamos oito, os limites absolutos desse número não impedem as suas partes de mudar os seus limites relativos. Se os lucros fossem seis e os salários, dois, os salários poderiam aumentar para seis e os lucros decrescer para dois que o montante total permaneceria ainda oito.”**³⁷ A posição de Weston, portanto, é simplesmente unilateral, e o caminho para a luta pelo aumento do salário e, claro, **por pautas mais amplas**, é aberto por Marx na ocasião.

É verdade que muita coisa mudou na organização do modo de produção capitalista do século XIX, quando Marx escreveu suas obras, para o do século XXI, em que vivemos. Surgiram novas formas de trabalho a partir das plataformas digitais com a promessa de flexibilidade no ambiente e no tempo de trabalho. Essas promessas, e não passam de promessas, amparam-se na ideia de um modo de ser empresarial, de um homem-empresa, de um empreendedor de si mesmo, **entrepreneurship**, em uma redefinição do *Homo oeconomicus* como aquele que não é apenas um parceiro de troca, mas, de acordo com as pesquisas de Michel Foucault, seu próprio capital, seu produtor, fonte de sua renda.³⁸ Com isso, claro, os direitos, que por si só são frágeis, mas que poderiam amenizar os abusos de poder contra os trabalhadores, foram desidratados pelos donos dos meios de produção digitais através de seus representantes nos parlamentos mundo afora. **O sentido social das relações interpessoais foi desestimulado em vista de uma concorrência injustificável e adoecedora, que produz sujeitos psicologicamente precários e flexíveis, em suma, governáveis.** No entanto, se por um lado temos novidades na organização e

³⁷ Marx, Karl. **Salário, preço e lucro**. Tradução de Eduardo Saló. São Paulo: Edipro, 2020, p. 23-24.

³⁸ Foucault, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 310-311.

nas estratégias de dominação e exploração do modo de produção capitalista, por outro, podemos facilmente identificar aspectos da sua natureza apontados pelo velho Marx há mais de cem anos, como aumento no grau de exploração da força de trabalho, precarização das condições de trabalho, aumento e manutenção do exército de reserva, acumulação de capital em poucas mãos, destruição da natureza etc., e que somou-se ao trabalho de marxistas contemporâneas, como Silvia Federici e suas contribuições sobre o trabalho não pago, ou Nancy Fraser sobre o dilema da distinção entre as políticas de redistribuição e o reconhecimento.

Diante desses novos-velhos problemas, uma teoria que se pretende crítica deve perguntar-se, mais uma vez, pelas lutas e desejos da época e por suas possibilidades de emancipação. Sua tarefa é explicar e denunciar, mediante modelos e categorias, em revistas e panfletos, movimentos e associações, as contradições que tendem a ser naturalizadas, pois elas revelam num só golpe tanto as mais variadas formas de dominação e exploração como as possibilidades de sua superação. A consciência filosófica, assim, não deve correr paralela à miséria real; **é preciso escancarar a realidade em que se vive, pois assim a humanidade pode juntar forças para realizar o desencantamento da autoalienação.** Nas palavras do próprio Marx, **“Trata-se de um trabalho pelo mundo e por nós. Só pode ser obra de forças unificadas. Trata-se de penitência, e nada mais. Para que a humanidade consiga o perdão dos seus pecados, ela só precisa declarar que eles são o que são.”**³⁹

³⁹ Marx, Karl. **Cartas dos Anais franco-alemães.** In. *Sobre a questão judaica.* Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 73.

Este caderno de resumos foi composto pelos alunos da graduação em filosofia da UFSCar para divulgação científica do XIII EPGIL-13º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UFSCar (Semana da Filosofia).

In memoriam dos saudosos amigos-filósofos: Vinicius Figueiredo de Souza, Luís F. S. do Nascimento, Thalles Onofre, Bento Tedesco Prado de Almeida Ferraz (Bentinho), Fábio Manoel Galvão e também todas as pessoas acometidas pela pandemia de COVID-19.

Capa e Contra-capas (colagem e design) por Matheus Amaral Santos

Filosofia & sociedade

Confrontos e tensões
Contemporâneas



Departamento de filosofia- DFIL



Centro de Educação e
Ciências Humanas - UFSCar



ENCONTRO DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA- UFSCar

ENCONTRO DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA- UFSCar

XVIII ENCONTRO DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA- UFSCar

ENCONTRO DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA- UFSCar

ENCONTRO DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA- UFSCar

XVIII ENCONTRO DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA- UFSCar

ENCONTRO DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA- UFSCar

